



**UNIVERSIDADE FEDERAL
DE SANTA CATARINA**

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA (UFSC)
CENTRO SOCIOECONÔMICO (CSE)
DEPARTAMENTO DE ECONOMIA E RELAÇÕES INTERNACIONAIS
CURSO DE GRADUAÇÃO EM RELAÇÕES INTERNACIONAIS

FUTEBOL E NACIONALISMO

O FUTEBOL COMO MECANISMO DE IDENTIFICAÇÃO NACIONAL PARA KOSOVO
E CATALUNHA

Aluno: Rodrigo Turazi Exterckoetter

Orientador: Prof. Dr. Marcelo Simões Serran de Pinho

Florianópolis

2021

Rodrigo Turazi

FUTEBOL E NACIONALISMO

O FUTEBOL COMO MECANISMO DE IDENTIFICAÇÃO NACIONAL PARA KOSOVO E CATALUNHA

Monografia submetida ao curso de Relações Internacionais da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), como requisito obrigatório parcial para a obtenção do grau de Bacharelado.

Orientadora: Prof. Dr. Marcelo Simões Serran de Pinho

Florianópolis

2021

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Exterckoetter, Rodrigo Turazi
Futebol e Nacionalismo : O Futebol como mecanismo de
identificação nacional para Kosovo e Catalunha / Rodrigo
Turazi Exterckoetter ; orientador, Marcelo Simões Serran de
Pinho, 2021.
87 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) -
Universidade Federal de Santa Catarina, Centro Sócio
Econômico, Graduação em Relações Internacionais,
Florianópolis, 2021.

Inclui referências.

1. Relações Internacionais. 2. Futebol. 3. Nacionalismo. 4.
Kosovo. 5. Catalunha. I. de Pinho, Marcelo Simões Serran. II.
Universidade Federal de Santa Catarina. Graduação em Relações
Internacionais. III. Título.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA (UFSC)
CENTRO SOCIOECONÔMICO (CSE)
DEPARTAMENTO DE ECONOMIA E RELAÇÕES INTERNACIONAIS CURSO DE
GRADUAÇÃO EM RELAÇÕES INTERNACIONAIS

Rodrigo Turazi Exterckoetter
Futebol e Nacionalismo: O Futebol como mecanismo de identificação nacional para Kosovo e
Catalunha

Florianópolis, 12 de Maio de 2021.

O presente Trabalho de Conclusão de Curso foi avaliado e aprovado pela banca examinadora
composta pelos seguintes membros:

Prof. Dr. Daniel Ricardo Castelan
Universidade Federal de Santa Catarina

Prof. Dr. Marcelo Simões Serran de Pinho
Universidade Federal de Santa Catarina

Prof. Vinicius Tavares de Oliveira
Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais

Certifico que esta é a versão original e final do Trabalho de Conclusão de Curso que foi
julgado adequado para obtenção do título de Bacharel em Relações Internacionais por mim e
pelos demais membros da banca examinadora.

Prof. Dr. Marcelo Simões Serran de Pinho
Orientador(a)

Florianópolis, 2021.

AGRADECIMENTOS

Escrever os agradecimentos será a última adição a este trabalho e os sentimentos que precederam esse momento, enquanto eu pensava em como me expressar, foram dos mais variados. Junto com o misto de alívio e libertação por finalizar esta etapa, o que se sobressai é a gratidão, caindo no clichê desta seção da monografia. Porém esse sentimento não poderia ser mais verdadeiro, uma vez que minha vida parece passar diante de meus olhos diante a cada letra digitada. Colocar ponto final nesse ciclo tão importante me traz até uma certa hesitação, há um apego emocional muito grande e me faz lembrar do que me trouxe até aqui.

E nesse momento, pensando nos meus pais, Vilton e Valdéia, a educação que vocês me proporcionaram foi o maior presente que eu poderia pedir. A liberdade e o incentivo de correr atrás das minhas paixões me impulsionam muito a buscar algo diferente, mesmo que isso significasse me distanciar de casa.

Do meu pai, o que está marcado é o exemplo de liderança e referência que foi no seu trabalho, com uma honestidade e carisma sem igual. Agradeço por me ensinar a amar o futebol e valorizar uma boa roda de amigos, elementos indispensáveis que compõem o locutor que vos fala. Queria muito que eu pudesse comemorar essa conquista conosco.

A minha mãe, agradeço por toda garra, empenho e dedicação por nossa família, e por não medir esforços para que eu pudesse alcançar meus objetivos. Sua constante cobrança e puxões de orelha não me deixaram perder o rumo e me colocaram onde estou hoje, a poucos passos de finalizar o ensino superior na universidade federal.

Me pego lembrando da minha infância, correndo, jogando bola e andando de bicicleta pela vizinhança, comumente acompanhado de meu irmão, o Adriano. Para ele, o agradecimento é pelo espírito de competição e parceria que media nossa relação, nos puxando a sermos a todo instante versões melhores de nós mesmos.

Entrar na universidade federal parecia algo fora da realidade para quem nasceu e cresceu no interior e, até então, havia visto poucas pessoas concluírem o ensino superior na família. E vir para a cidade grande deu medo, não vou mentir. Mas a adaptação não poderia ter sido mais fácil, encontrei amigos que fizeram minha temporada na UFSC ser muito rica dentro e fora das salas de aula. E a eles, agradeço pelas experiências vividas e pelo crescimento juntos, em especial Juca, Lukas, Machado, Luiz e Villaça, a Luíza, aos amigos da A³RI, da ATCSE e da Casa da Árvore.

Durante a faculdade também encontrei minha parceira, a Lorena. À ela devo uma parte deste trabalho, cujo apoio foi fundamental me lembrando do que eu mais gosto e fazendo dos momentos difíceis serem sempre superáveis.

No meio das incertezas que a pandemia nos trouxe, agradeço ao orientador desta pesquisa, professor Marcelo, por ter aceitado o desafio de fazer algo diferente e por todos os seus ensinamentos, sem suas instruções o resultado teria sido completamente diferente.

Apesar da hesitação aqui mencionada, ponho fim a esta jornada com muita alegria pelo que foi alcançado e cheio de curiosidade do que ainda está por vir.

RESUMO

A presente monografia situa-se no campo de estudo do nacionalismo, a partir da análise do papel do futebol como ferramenta de identificação nacional e como meio de auto afirmação na busca de reconhecimento internacional para os povos kosovar albanês e catalão. A escolha dos dois grupos para uma análise mais aprofundada se baseia principalmente na sua divergência. A pesquisa parte da hipótese que o futebol, sendo um dos esportes mais populares do mundo, torna-se instrumento de promoção e manutenção do sentimento nacional, uma vez que é capaz de divulgação das pautas nacionalistas tanto para o âmbito nacional/regional, como para âmbito internacional, através da sua presença por todo o globo. Para tanto, o autor divide o trabalho em 4 partes. Na primeira estabelece o marco teórico, discutindo conceitos de nação e nacionalismo e do construtivismo. Em seguida, a pesquisa trata da construção social em torno do futebol para entender seus efeitos na sociedade, a partir da ótica construtivista. O terceiro capítulo tem o intuito de entender os movimentos nacionalistas de Kosovo e Catalunha. O último capítulo discorre acerca da relação entre futebol, nacionalismo e os povos kosovar e catalão. O objetivo da pesquisa é destacar o potencial do futebol como importante instrumento para o campo das Relações Internacionais, como ponto de união para seus povos e como porta de diálogo com o mundo exterior.

Palavras Chave: Nacionalismo. Construtivismo. Futebol. Kosovo. Catalunha.

ABSTRACT

This research is located in the field of study of nationalism, analysing the role of football as a tool for national identification and as means of self-affirmation in the search for international recognition for the Albanian Kosovar and Catalan peoples. The choice of the two groups for further analysis is based mainly on their distinction. The research starts from the hypothesis that football, being one of the most popular sports in the world, becomes an instrument for the promotion and maintenance of national feeling, since it's capable of disseminating nationalist agendas both for the national/regional scope, as for international scope, through its presence across the globe. To this end, the author divides the work into four parts. The first establishes the theoretical basis, discussing the concepts of nation and nationalism, as well as constructivism. Then, the study deals with the social construction around football to understand its effects on society, from the constructivist perspective. The third chapter is intended to acknowledge the nationalist movements in Kosovo and Catalonia. The last chapter discusses the relationship between football, nationalism and the Kosovar and Catalan peoples. The objective of the research is to highlight the potential of football as an important instrument for the field of International Relations, as a point of unity for its people and as a gateway for dialogue with the outside world.

Keywords: Nationalism. Constructivism. Football. Kosovo. Catalonia.

LISTA DE FIGURAS E TABELAS

Figura 1: Mapa dos Balcãs Ocidentais

Figura 2: Mapa do Reino da Espanha

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Sentimento Identitário na Catalunha

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

FIFA - Federação Internacional de Futebol
UEFA - União das Associações Europeias de Futebol
ONU - Organização das Nações Unidas
ONG - Organização Não-Governamental
EUA - Estados Unidos da América
CBF - Confederação Brasileira de Futebol
PIB - Produto Interno Bruto
ECA - Associação Europeia de Clubes
RFI - República Federativa da Iugoslávia
CSCE - Comissão de Segurança e Cooperação na Europa
UÇK - Exército de Libertação do Kosovo
OTAN - Organização do Tratado do Atlântico Norte
UE - União Européia
CIJ - Corte Internacional de Justiça
OCDE - Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico
FMI - Fundo Monetário Internacional
BRICS - Brasil Rússia, Índia, China, África do Sul
FFK - Federação de Futebol do Kosovo
ERC - Esquerda Republicana da Catalunha
RFEF - Real Federação Espanhola de Futebol
COI - Comitê Olímpico Internacional
DUI - Declaração Unilateral de Independência
RI - Relações Internacionais

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
1. A INVENÇÃO DA NAÇÃO E O CONSTRUTIVISMO	15
1.1 O NACIONALISMO	15
1.1.1. Fenômeno moderno	16
1.1.1.1. A construção da nação	17
1.1.2. O nacionalismo do pós-Guerra Fria	19
1.2. ABORDAGEM TEÓRICA DAS RELAÇÕES INTERNACIONAIS	21
1.2.1. A Teoria social construtivista	23
1.2.1.1. O interesse nacional	26
2. FUTEBOL: ORIGEM E CONSTRUÇÃO SOCIAL	29
2.1. COSTUME E TRADIÇÃO: DO SOULE À FOOTBALL ASSOCIATION	29
2.2. AMOR E ESPETÁCULO	31
2.3 FUTEBOL (TAMBÉM) É POLÍTICA	33
2.3.1 O Futebol Interessa a Quem?	34
2.3.2 Simbolismo, Nação e Esporte	36
2.3.3 Esporte no Contexto Das Relações Internacionais	38
3. KOSOVO E CATALUNHA	41
3.1. KOSOVO	41
3.1.1. Nacionalismo Kosovar (Albanês) - Nacionalizmi Kosovar	42
3.1.2. A Guerra do Kosovo	44
3.1.3. O Pós-Guerra e a Busca por Reconhecimento Internacional	46
3.1.4. Contexto Futebolístico	47
3.2. CATALUNHA	49
3.2.1. Formação da Coroa Espanhola	49
3.2.2. A Nação Catalã - La Nació Catalana	51
3.2.2.1. A Renaiçença, um Movimento Linguístico-Cultural	51
3.2.2.2. O Catalanismo, Da Criação ao Ressurgimento	52
3.2.3. Os Plebiscitos	54
3.2.4. Contexto Futebolístico	56
4. FUTEBOL, NACIONALISMO E OS POVOS KOSOVAR E CATALÃO	58
4.1. MEIO DE RESISTÊNCIA À FERRAMENTA PARA O RECONHECIMENTO INTERNACIONAL, O FUTEBOL NO KOSOVO	58
4.1.1. Diplomacia Através do Esporte	59
4.1.2. Seleção Nacional, Copas e Torcida	60
4.2. FC BARCELONA, MÉS QUE UN CLUB	64
4.2.1. Instrumento de Poder e de Oposição	65
4.2.2. A Rivalidade com o Real Madrid	67

4.2.3. O Desejo Separatista	68
4.3. ANÁLISE, KOSOVO E CATALUNHA	72
4.3.1. Nacionalismo, Construção Social	72
4.3.2. Simbolismos	73
CONSIDERAÇÕES FINAIS	74
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	78
ANEXOS	85

INTRODUÇÃO

A presente monografia possui como tema o papel do futebol como ferramenta de identificação nacional e como meio de auto afirmação na busca de reconhecimento internacional para os povos kosovar albanês e catalão. A escolha dos dois grupos para uma análise mais aprofundada se baseia principalmente na sua divergência. Com relação à Catalunha, a bibliografia sobre eles é vasta, e escrevem com bastante ênfase sobre a presença do futebol nos movimentos nacionalistas. Em contrapartida, o debate ainda é pequeno quando comparado ao Kosovo, apesar de apresentarem uma estratégia muito ativa de diplomacia por meio do esporte, visto a recente autonomia conquistada.

Com o intuito de melhor trabalhar o tema, esta monografia aborda como o futebol tem sido parte essencial da identidade nação a partir de uma análise da construção do nacionalismo das duas regiões aqui observadas, bem como da inserção do futebol na esfera política. Considera-se o contexto de ditadura que ambos suportaram no século XX, tal qual sua inserção no mundo globalizado, com a ajuda do esporte, no século XXI.

O futebol ocupa um grande papel no imaginário da sociedade há muito tempo, haja visto a mobilização que ocorre ao redor do mundo e os números de audiência que a Copa do Mundo de 2018 alcançou. De acordo com a FIFA, 3,572 bilhões de telespectadores - mais da metade da população mundial com 4 anos de idade ou mais - assistiram a alguma parte da cobertura oficial, que foi transmitida ao vivo em todos os territórios do planeta entre 14 de junho e 15 de julho. Esse fator, somado ao meu grande interesse acerca do assunto, torna pertinente o estudo do tema e entender quais os impactos que as interações por meio deste esporte podem causar na sociedade.

No Kosovo cabe destacar sua recente adesão a FIFA e UEFA, possibilitando ao país que ainda busca reconhecimento da ONU ser representado por sua seleção nacional, carregar sua bandeira e cantar seu hino em competições oficiais contra os demais países da Europa e do mundo, incluindo aqueles que nem mesmo reconhecem sua soberania. É interessante analisar como o futebol tem sido utilizado como ferramenta para abrir portas diplomáticas.

Já a Catalunha tem no FC Barcelona uma das maiores potências esportivas do mundo, capaz de ganhar diversos títulos de expressão no futebol e, com isso, levar o nome da Catalunha e a sua causa ao redor do planeta. A narrativa catalã tem seus simbolismos firmemente arraigados no Barça, transformando o clube na expressão de seu povo. A história mais recente da Catalunha corre em paralelo com a do FC Barcelona, com o Camp Nou

(estádio do clube) funcionando como palco para manifestações de reafirmação do sentimento nacional catalão e de cunho separatista.

O caso do Kosovo é importante observar as mudanças que o movimento nacionalista vem sofrendo após a entrada da ONU na região, com seus símbolos nacionais sofrendo mutações e perdendo contato com sua origens. Já na Catalunha, o aspecto que chama a atenção é a divisão de seu próprio povo acerca do destino ideal para o território, uma vez que parte do movimento nacionalista busca mais autonomia e reconhecimento dentro da Espanha e outra parte clama pela independência completa.

Feita essa contextualização, a monografia aqui apresentada busca responder a seguinte pergunta: como o futebol tem atuado para a promoção do sentimento nacionalista e qual o impacto produzido nos movimentos nacionalistas?

Na busca por melhor responder essa pergunta, o método utilizado foi o hipotético-dedutivo. Parte-se da hipótese que o futebol, sendo um dos esportes mais populares do mundo, torna-se instrumento de promoção e manutenção do sentimento nacional, uma vez que é capaz de divulgação das pautas nacionalistas tanto para o âmbito nacional/regional, como para âmbito internacional, através da sua presença por todo o globo. Como hipótese secundária, para além do sentimento nacional, o futebol também contribui como elo entre as origens dos movimentos nacionalistas e seus respectivos povos através do exercício constante de seus símbolos nacionais, como bandeira, hino e emblema nacional.

Com o intuito de atingir o objetivo desta monografia, o trabalho está dividido em 4 capítulos. O primeiro capítulo aborda os conceitos teóricos de nação e nacionalismo, que costumam diferir bastante entre os estudiosos, bem como a teoria construtivista das Relações Internacionais. No segundo capítulo o foco da pesquisa estará direcionado ao surgimento do futebol e entender seus efeitos na sociedade, a partir da ótica construtivista. O terceiro capítulo traz a história dos movimentos nacionalistas de Kosovo e Catalunha, com o intuito de entender suas origens e motivações. O último capítulo trata da relação entre futebol, nacionalismo e os povos kosovar e catalão, com o apoio do conteúdo apresentado no decorrer de toda a monografia.

1. A INVENÇÃO DA NAÇÃO E O CONSTRUTIVISMO

O presente capítulo tem como objetivo estabelecer a base teórica para o restante do trabalho. Para tal, será dividido em duas seções. O conceito de Nacionalismo será discutido na primeira parte, bem como sua complexidade e suas nuances. Devido às numerosas definições e conceitos acerca do tema, serão descritas aquelas com maior relevância para a continuidade do trabalho. Em seguida, analisar-se-á a construção da nação, bem como as características de identificação nacional, considerando o nacionalismo como um fenômeno moderno. Na segunda parte do capítulo, a teoria construtivista das Relações Internacionais será descrita. Considerada a mais apropriada pelo autor, esta teoria utiliza uma abordagem mais sociológica das Relações Internacionais, aproximando-se dos conceitos de nacionalismo adotados.

1.1 O NACIONALISMO

Foi na Europa, segundo Bobbio (2004), durante a Revolução Francesa, que o termo Nação surgiu no discurso político para designar os mesmos contextos significativos a que hoje se aplica, isto é, aplicado à França, à Alemanha, à Itália, etc. No entanto, é somente nas obras de Giuseppe Mazzini, em meados do século XIX, que se encontra uma teorização do consciente de Nação como fundamento natural do poder político, isto é, da fusão necessária entre Nação e Estado.

Foi assim que o termo Nação deixou de ser um termo vago, que podia ser atribuído à simples ideia de grupo, ou à ideia de toda e qualquer forma de comunidade política. Precisamos lembrar a este respeito que, é possível encontrar diversos conceitos dos termos de nação e nacionalismo entre os estudiosos, a forma como são descritos muda com frequência ao longo do tempo. Por vezes, é possível encontrar definições de nacionalismo e nação que são mais objetivas, contudo, tornando o conceito simplista e, muitas vezes, não sendo capaz de lidar com as exceções.

Posto isso, para fins deste trabalho será adotada as definições de Bobbio (2004) e de Guibernau (1997) para nação e nacionalismo, além do conceito de construção da nação de Alesina e Reich (2015).

Em seu sentido mais amplo, o termo nacionalismo corresponde a ideologia do Estado nacional, que se sobrepõe às ideologias dos partidos, absorvendo-as em perspectiva. O Estado nacional gera o nacionalismo na medida que suas estruturas de poder possibilitam a difusão

da ideologia nacional, isto é, a unificação, em seu território, de idioma, cultura e tradições. A ideologia nacional chegou a se considerar como a única a poder fornecer critérios de legitimidade para a formação de um Estado independente no sentido moderno, dada sua ampla difusão, primeiro na Europa, após a Revolução Francesa e, em seguida, no resto do mundo (BOBBIO, 2004).

Para Bobbio (2004), o pensamento nacional trabalha para que cada povo tenha o direito de se tornar dono do próprio destino. Para tanto, ele persegue dois objetivos, um interno e um internacional. No âmbito interno, busca proporcionar consciência de unidade entre os povos promovendo os mesmos direitos democráticos e possibilitando, desta forma, a participação para definir as políticas do Estado. No âmbito internacional, o princípio da autodeterminação dos povos possibilita a realização da independência nacional e o estabelecimento de uma política exterior do Estado fundamentada na vontade popular, sem interferências de outros Estados.

Guibernau (1997) entende a nação como um grupo humano consciente de formar uma comunidade e de partilhar uma cultura comum, ligado a um território claramente demarcado, tendo um passado e um projeto comuns e a exigência do direito de se governar. Por nacionalismo, a autora refere-se ao sentimento de pertencer a uma comunidade cujos membros se identificam com um conjunto de símbolos, crenças e estilos de vida, e têm vontade de decidir sobre seu destino político comum.

Por fim, Alesina e Reich (2015) trouxeram uma importante contribuição ao definir a construção da nação como um processo que leva à formação de países nos quais os cidadãos sentem uma suficiente comunhão de interesses, objetivos e preferências para que não queiram se separar uns dos outros. Para tanto, muitas vezes é necessário utilizar-se de ferramentas para homogeneizar a população, como as escolas primárias, para divulgar a imagem e a herança da "nação" e inculcar apego a ela.

1.1.1. Fenômeno moderno

Como destaca Guibernau (1997), a origem das nações é um dos problemas mais controversos do estudo do nacionalismo. Ela considera que existem duas posições principais: a primeira é de que a nação é uma coisa natural, ou seja, é uma divisão natural da raça humana; a segunda é de que o nacionalismo é fundamentalmente um fenômeno moderno, ligado ao surgimento de uma sociedade industrial. Guibernau, entretanto, considera ambas as posições como incompletas. Para a autora, a visão baseada na

naturalidade da nação é muita simplista, enquanto as teorias que defendem a modernidade da nação estariam ignorando as raízes históricas das comunidades étnicas que se transformaram em nações e mais tarde puderam ou não converter-se em Estados Nacionais. Diante dessas observações, a presente pesquisa adotará a visão de Hobsbawm e os seus conceitos como o de protonacionalismo e o de invenção das tradições.

1.1.1.1. A construção da nação

Hobsbawm (1990) considera o nacionalismo como um acontecimento moderno. O autor não ignora, entretanto, a existência de sentimentos de vínculo coletivo anteriormente à era moderna. Para que esse vínculo se constitua em um critério essencial daquilo que modernamente conhecemos como nação, contudo, deverá existir uma relação necessária com a unidade da organização política territorial:

[...] enquanto os judeus, espalhados pelo mundo por alguns milênios, nunca deixaram de se identificar a si mesmos, onde estivessem, como membros de um povo especial e distinto dos vários ramos de não-crentes entre os quais viviam, em momento nenhum, ao menos desde o retorno do cativo babilônico, isto implicou uma aspiração séria por um Estado político judeu – para não falar de um Estado territorial – até que um nacionalismo judeu foi inventado no final do século XIX por analogia com o recém-formado nacionalismo ocidental (HOBSBAWM, 1990, p. 64 e 65).

Nos casos em que existe uma identificação coletiva, embora lhes falte o desejo de criar uma organização política, o autor chamou de protonacionalismo. Hobsbawm (1990) identifica quatro elementos importantes do protonacionalismo popular: a língua, a etnicidade, a religião e a consciência de pertencer ou ter pertencido a uma entidade política durável. Em que pese as limitações dos sentimentos protonacionais para que sejam considerados verdadeiros nacionalismos no sentido moderno, seus elementos, símbolos e sentimentos tiveram o efeito de facilitar a mobilização em torno de algumas causas nacionais. Diante disso, alguns instrumentos mostraram-se essenciais ao surgimento de nacionalismos modernos. Os principais foram o controle, por parte do Estado moderno, dos meios de comunicação e da educação (GUIBERNAU, 1997).

Segundo Alesina, Giuliano e Reich (2013), a educação em massa também pode facilitar a construção da nação, ensinando uma língua comum. Imaginando que quanto mais

longe um indivíduo está do governo, mais sua linguagem será diferente. Reduzir a distância, neste caso, pode ser interpretado como ensinar uma língua comum para que os indivíduos possam se comunicar melhor com o governo e acessar os serviços públicos.

Além das vantagens da língua unificada para os governados, também os governantes as viam com bons olhos. O sucesso da manipulação dos meios de comunicação por parte dos governantes dependia da existência de uma língua nacional, sem falar do contexto de democratização e de controle burocrático que acompanharia a modernização. O desenvolvimento técnico e científico posterior permitiu ao Estado um controle cada vez maior dos indivíduos, e a consequente padronização e homogeneização destes últimos deveria ser adquirida por meio da alfabetização (HOBSBAWM, 1990).

A emergência do nacionalismo moderno esteve muito ligada ao advento do Iluminismo e ao consequente refluxo da fé religiosa. Esse fato, aliado às transformações sociais oriundas da era industrial, acabou por tornar mais incerta a lealdade dos cidadãos ao Estado. Assim, tornava-se fundamental aos governantes a elaboração de uma nova forma de lealdade cívica. O nacionalismo tornou-se um substituto para a coesão social que ocorria por meio de uma igreja nacional, de uma família real ou de outras tradições coesivas. Para Hobsbawm, grupos sociais, ambientes e contextos sociais inteiramente novos ou muito transformados exigiam novos instrumentos que assegurassem ou expressassem identidade e coesão social (HOBSBAWM, 1984; 1990).

Assim, além do controle dos meios de comunicação, de importância cada vez maior entre seus habitantes, os Estados procuraram utilizar a educação – principalmente as escolas primárias – para difundir a imagem e a herança da nação, incitando adesão a ela e ligando o povo ao país e à bandeira (HOBSBAWM, 1984). Esse processo foi realizado pelo que Hobsbawm chamou de tradições inventadas.

O termo tradição inventada está estreitamente ligado ao conceito de ícones sagrados, como a bandeira e o hino nacionais. Hobsbawm (1984) define tradição inventada como um conjunto de práticas, de natureza ritual ou simbólica, que visam a construir certos valores e normas de comportamento através da repetição. Essa repetição implicaria, automaticamente, uma continuidade em relação ao passado. Como visto em relação à estabilização das línguas vernáculas, essa relação de continuidade com um passado histórico apropriado é um fator relevante para o movimento nacionalista. Todavia, convém salientar que, embora por invenção de tradições tende-se a pressupor que o processo tenha sido exclusivamente realizado de cima para baixo, ou seja, dos governantes para os cidadãos, Hobsbawm (1984) aponta que também foram inventadas tradições no sentido inverso. Como

exemplos de tradições inventadas de cima para baixo, pode-se citar a ritualização de ícones sagrados como a bandeira, os monumentos e o hino nacional. Como exemplo das tradições inventadas de baixo para cima, o autor cita as comemorações do dia do trabalho e expansão dos esportes de massas. Enquanto o dia do trabalho adquiriu um viés mais internacionalista, os esportes estiveram muito ligados à identificação nacional.

1.1.2. O nacionalismo do pós-Guerra Fria

A fragmentação dos Estados comunistas na Europa oriental foi um dos principais acontecimentos no que concerne a manifestações nacionalistas na nova era. Esses Estados multi-étnicos, altamente fragilizados, não puderam evitar a emergência de aspirações nacionalistas. Nos termos de Breuilly, tratou-se, sob a ótica política, de movimentos de subversão do Estado e, sob a ótica ideológica, de nacionalismo étnico. Como pôde ser observado, a tensão resultou em conflitos armados, com destaque para as regiões do Cáucaso sob domínio russo e, principalmente, para a região da antiga Iugoslávia. Além do caso europeu, cabe destacar também a intensificação dos conflitos étnicos na África. O genocídio de 1994 na Ruanda, por exemplo, acarretou a morte de cerca de 800 mil pessoas. Outro acontecimento importante da década de 90 foi a consolidação dos blocos regionais. Segundo Vizentini (2005), a regionalização é inerente à globalização. Com o intuito de incrementar a competitividade, tornou-se necessária a eliminação de alguns entraves decorrentes da soberania do Estado nacional. Apesar disso, as integrações supranacionais, não obstante o discurso livre-cambista, representam uma forma protecionista ampliada do plano nacional ao regional, com vistas a resguardar setores de alguns Estados frente à concorrência internacional (VIZENTINI, 2005).

Todavia, os processos de integração regional normalmente enfrentam grandes dificuldades. Entre elas, a falta de uma identidade coletiva que vincule as populações dos Estados leva a uma fragmentação entre grupos nacionais e dificulta o consenso em relação às políticas dos blocos. Mesmo se considerarmos o caso mais evoluído de integração, a União Européia, perceberemos a relativa falta de um sentimento pan-europeu no continente. Esse fato pode ser evidenciado nas grandes abstenções ocorridas quando das eleições para o parlamento europeu, além de obstaculizações nacionais ao processo, tal qual o primeiro referendo irlandês que não ratificou o Tratado de Lisboa. Na Ásia, as

rivalidades nacionais, ainda que haja alguns progressos, continuam sendo um empecilho ao processo de integração regional em um dos pólos mais importantes da economia mundial.

O período do pós-Guerra Fria também ficou marcado pelo que ficou conhecido como o processo de globalização. Esse processo permitiu o encurtamento das distâncias entre as sociedades e foi acentuado por uma revolução tecnológica das comunicações e dos transportes. A intensificação das relações sociais e econômicas significou que acontecimentos ocorridos em um lado do mundo poderiam impactar instantaneamente sociedades do outro lado.

Essa interdependência, conjugada com a emergência da conscientização em torno de questões globais (como o risco nuclear, os direitos humanos e o meio ambiente), produziu entendimentos de que estaríamos nos dirigindo para uma sociedade culturalmente homogênea

Entretanto, como salienta Guibernau (1997) a criação de uma identidade global apresenta uma série de problemas importantes decorrentes da impossibilidade de resolver duas condições: a continuidade no tempo e a diferenciação em relação aos outros. Uma identidade nacional está fortemente ligada a um passado comum, criador de um meio de solidariedade. Todavia, uma suposta identidade global seria obrigada a enfrentar a total carência de um passado comum que formasse uma consciência coletiva. Por outro lado, o importante aspecto da diferenciação em relação aos outros só poderia obter sucesso caso existisse o outro, o que de certo modo é inviabilizado por uma identidade global. O que se percebe, contudo, é que a globalização vem agindo no sentido inverso, multiplicando a percepção da existência de outros, uma vez que coloca em contato sociedades tão distantes que de outra forma jamais se conheceriam (GUIBERNAU, 1997).

O nacionalismo, então, apresentaria uma reação direta à sensação individual e coletiva de dúvida e de fragmentação oriundas da globalização. A necessidade de estabelecer um vínculo coletivo forte que impeça o desaparecimento de determinadas culturas locais favorece o contínuo fortalecimento do papel das tradições. Como o indivíduo encontra-se inseguro diante desse ambiente de incerteza e fragmentação, as tradições trabalham no sentido de estabelecer a continuidade temporal e a diferenciação necessárias à sua coesão e coerência pessoal. A principal estratégia para a preservação antigamente era o isolamento, e isto não é mais possível (GUIBERNAU, 1997). De acordo com Breuilly (2008), o nacionalismo atual procura mais um reconhecimento cultural e uma ação afirmativa do que independência política.

Por fim, pode-se acrescentar outro aspecto ao problema da questão nacional no período da globalização: o aumento da mobilidade humana. Ao contrário da expansão das migrações ocorrida no século XIX, o sentido das migrações recentes ocorre dos países em desenvolvimento para os países desenvolvidos por causa da desregulamentação dos mercados e das altas taxas de desemprego nos países pobres. O resultado disso é o aumento das tensões oriundas de um dos principais aspectos do nacionalismo: a diferenciação entre “nós” e “eles”. Com efeito, países como os Estados Unidos e os da Europa ocidental observam um incremento dos casos relacionados à xenofobia e ao racismo. O caso europeu é ainda mais intrigante, pois o lugar que foi o berço do nacionalismo (com seus Estados procurando estabelecer populações etnicamente homogêneas por meio de guerras, genocídios e transferências em massa de populações) assiste nos últimos anos a uma miscigenação étnica decorrente das transformações sócio-econômicas mundiais (HOBSBAWM, 2007).

1.2. ABORDAGEM TEÓRICA DAS RELAÇÕES INTERNACIONAIS

Durante a maior parte do tempo, a produção teórica das Relações Internacionais apresentava-se polarizada entre duas concepções principais: o realismo e o liberalismo. O realismo é a teoria dominante nas Relações Internacionais, e alguns de seus preceitos já eram observados em autores como Tucídides, Maquiavel, Hobbes e Rousseau. A lente realista alcançou grande prestígio no período entre o final da Segunda Guerra Mundial e a queda da União Soviética. O liberalismo tem como seus precursores autores como Locke e Kant, mas foi com a declaração dos Quatorze pontos do presidente norte-americano Woodrow Wilson, em 1918, que essa lente adquiriria maior relevância para a disciplina. Conceitos como a autodeterminação dos povos e a segurança coletiva foram defendidos, culminando inclusive com a criação de uma instituição internacional, a Liga das Nações, para que esta se tornasse responsável pela paz. No entanto, os acontecimentos posteriores foram decisivos para o seu fracasso e para a rejeição da teoria liberal para o segundo plano nas análises do sistema internacional.

Mesmo que o realismo não possa ser considerado uma teoria marcada pela unidade e coerência, Dougherty e Pfaltzgraff (2003) identificam alguns pressupostos centrais nesta teoria: a) os Estados são os atores centrais do sistema internacional; b) a política internacional é caracterizada pelo conflito, constituindo-se um ambiente anárquico onde os Estados lutam

pelo poder e pela sua sobrevivência; c) os Estados são atores unitários e a política interna ou doméstica pode ser separada da política externa; d) os Estados são atores racionais caracterizados por um processo de tomada de decisões que leva a escolhas baseadas no interesse nacional; e e) a preeminência da distribuição de poder como variável mais importante para a previsão e a explicação da conduta dos Estados.

O liberalismo, por sua vez, não compartilha da visão essencialmente pessimista dos realistas. Os autores identificados com esta teoria, embora também careçam de consenso, compartilham idéias quanto à cooperação e à interdependência entre os Estados, à existência de atores não-estatais, como as empresas transnacionais e as instituições internacionais, e à importância do fator doméstico na política internacional. Além disso, os liberais procuram projetar valores de ordem, liberdade, justiça e tolerância nas Relações Internacionais, em contraposição ao sistema anárquico realista.

O contexto de Guerra Fria, entretanto, não parecia favorecer as percepções liberais. Como resultado, autores como Keohane propuseram uma teoria neoliberal, a qual considerasse alguns pressupostos do neorealismo como a importância da estrutura internacional na constituição do comportamento estatal, a afirmação do Estado como ator central e a aceitação deste como essencialmente egoísta. Não obstante, visões como as referentes à cooperação internacional, à segurança e ao papel das instituições continuavam diferindo entre eles (DUNNE, 2008; REUS-SMIT, 2001).

Durante os anos 80, o embate entre os neorealistas e os neoliberais foi uma constante na disciplina de Relações Internacionais, principalmente nos Estados Unidos. O fim da Guerra Fria, porém, trouxe para a análise uma série de questões respondidas de forma insatisfatória pelas tradicionais correntes do campo das Relações Internacionais. Com o colapso da União Soviética, as teorias tradicionais foram forçadas a enfrentar uma crise de credibilidade, uma vez que não foram capazes de prever o ocorrido:

O fato de nenhuma das teorias o ter feito deveria levar-nos a questionar a adequação das teorias e os métodos com que temos estudado a política internacional. Se as teorias então existentes não puderam explicar ou prever o fim da guerra fria, então qual é a ajuda que vão poder prestar na transformada era do pós-guerra fria? Uma vez que as nossas teorias das Relações Internacionais se foram colocando como objetivo a compreensão das forças que determinam o futuro, elas mostraram-se claramente deficientes, mesmo à luz dos seus próprios critérios, no que toca à antecipação do fim da guerra fria (DOUGHERTY; PFALTZGRAFF JR, 2003, p.799).

Aliado a isso, a emergência de diversas questões cruciais acerca da nova ordem internacional resultou em uma agenda teórica bastante complexa. A globalização dos mercados, por exemplo, tornou mais permeável às fronteiras nacionais, dificultando o controle dos Estados sobre o fluxo de bens, capitais e pessoas e relativizando o poder estatal. Simultaneamente, a intensificação das relações sociais em escala mundial implicou a acentuação da importância de outros atores no sistema internacional, como as instituições internacionais, as ONGs e os próprios indivíduos. Como consequência da pluralidade de atores e da maior visibilidade das suas demandas constrói-se gradativamente uma maior conscientização acerca de problemas que não estão limitados ao âmbito nacional, tais como os direitos humanos, o desarmamento nuclear e a defesa do meio-ambiente. Enfim, a nova era trouxe uma série de questões que, devido a sua complexidade, prepararam o terreno para a emergência de novas teorias nas Relações Internacionais.

1.2.1. A Teoria social construtivista

Não obstante as suas diferenças, tanto o neorealismo quanto o neoliberalismo são teorias racionalistas. Ambos levam em consideração as teorias de escolha racional da teoria microeconômica. Para as duas visões, os atores políticos são considerados egoístas e racionais, pré-sociais (suas identidades e seus interesses já estão formados quando das interações sociais) e a sociedade é concebida como um cenário estratégico, onde os atores perseguem a maximização dos seus interesses pré-definidos (REUS-SMIT, 2001).

Como desafio a essas teorias racionalistas, surgiu uma nova concepção nas Relações Internacionais, o construtivismo. Essa emergente visão preocupa-se em analisar como o mundo é socialmente construído, como ele é construído pelas idéias que os atores dividem entre eles e outros sobre o mundo em que vivem e, a partir disso, o que poderia e deveria ser feito. O diferencial do construtivismo está na maior importância dada às idéias, que funcionariam como modeladoras dos atores e das ações na política internacional (ARMSTRONG, FARRELL; LAMBERT, 2007).

Wendt (1999) explica que, apesar de que nenhum dos aderentes do neorealismo e do neoliberalismo tende a se chamar de materialista, ambos constantemente se referem a poder e a interesse, e às vezes até mesmo a instituições, como fatores “materiais”. Os teóricos construtivistas, entretanto, agregariam um quarto fator: as idéias. Para Wendt, apesar

das idéias também serem importantes para os neoliberais, estes se focam nas maneiras como as idéias podem ter efeitos causais independentes de outras causas como o poder e o interesse. Todavia, idéias também têm efeitos constitutivos sobre o poder e o interesse:

O argumento não é que as idéias são mais importantes do que poder e interesse, ou de que elas são autônomas ao poder e ao interesse. Poder e interesse são tão importantes e determinantes quanto eram antes. O argumento é antes que o poder e o interesse têm os efeitos que eles têm em virtude das idéias que os modelam. Explicações baseadas em poder e interesse pressupõe idéias, e neste sentido não são rivais às explicações baseadas nas idéias. Meu argumento é portanto diferente do argumento Neoliberal de que uma substancial proporção da ação estatal pode ser explicada por idéias e instituições ao invés de poder e interesse. Isso trata as idéias em termos causais, o que, embora seja importante, não é suficiente. A questão de “como” as idéias importam não é limitada aos seus efeitos causais (WENDT, 1999)

Assim, uma das análises da teoria consiste em examinar como os atores concedem significado às suas ações. A intenção é compreender como o conhecimento, ou seja, como os símbolos, as regras, os conceitos e as categorias moldam a forma como os indivíduos constroem e interpretam o seu mundo. A realidade não está previamente consolidada. Pelo contrário, o conhecimento cultural e historicamente produzido é que permitirá aos indivíduos construir e dar significado à realidade (BARNETT, 2008). Os construtivistas consideram que os recursos materiais, por exemplo, de importância fundamental para os realistas, na verdade dependem do significado social atribuído a eles, resultado da estrutura de conhecimento compartilhado na qual estão inseridos:

Por exemplo, Canadá e Cuba são ambas potências médias que existem ao lado dos Estados Unidos, ainda que a simples balança de poder militar não pode explicar o fato de que o primeiro é um aliado próximo norte-americano, enquanto o último é um feroz inimigo. Ideias sobre identidade, as lógicas da ideologia e as estruturas de amizade e inimizade emprestam à balança militar de poder entre Canadá e os EUA e entre Cuba e os EUA resultados radicalmente diferentes (REUS-SMIT, 2001).

Dessa forma, ao mesmo tempo em que os racionalistas afirmam que as estruturas materiais podem influenciar o comportamento dos atores políticos e sociais, sejam eles indivíduos ou Estados, os construtivistas consideram que estruturas sociais são também tão importantes quanto estruturas materiais como a distribuição de poder militar e de poder econômico. Essas estruturas sociais podem proporcionar direções e objetivos para os Estados. Os valores nelas contidos e as regras e papéis que elas definem canalizam o

comportamento. Os atores não se conformam a elas apenas por motivos racionais, mas também porque eles se tornam socializados a aceitar esses valores, regras e papéis (FINNEMORE, 1996; REUS-SMIT, 2001)

Com efeito, dada a importância da estrutura dos conhecimentos compartilhados, os atores frequentemente justificam as suas ações tendo por base esses valores. Todavia, caso a apelação para normas e ideais estabelecidos não seja consistente com os princípios proclamados, à ação faltará legitimidade (REUS-SMIT, 2001). Com vistas a invadir o Iraque, em 2003, o governo norte-americano procurou justificar a sua ação (e, portanto, torná-la legítima aos olhos da opinião pública mundial, de forma a obter aliados para a socialização dos custos) sob o argumento de que o governo de Saddam Hussein escondia armas de destruição em massa. Um ano após a invasão, diante das evidências de que o argumento não correspondia à realidade, George W. Bush e Tony Blair começaram a difundir o argumento da necessidade de levar democracia e liberdade ao Iraque e ao Oriente Médio (BYERS, 2005). O resultado foi a perda de credibilidade e a relativa ausência de apoio internacional à operação:

Estados, incluindo grandes potências, buscam legitimidade, a crença de que eles estão agindo de acordo e estão perseguindo os valores da ampla comunidade internacional. Há um relacionamento direto entre suas legitimidades e os custos com um curso de ação: quanto maior a legitimidade, maior a facilidade com que eles irão convencer outros a cooperar com as suas políticas; quanto menor a legitimidade, mais custosa será a ação (BARNETT, 2008).

Com relação a mudanças nas normas e nos valores, a maioria dos construtivistas acredita que estas se dão por meio de empreendedores de normas, ou seja, líderes visionários nas comunidades de políticas públicas, ou Estados e instituições poderosas no sistema internacional. Isto se dá essencialmente por meio de processos instrumentais, mas envolve também processos sociais (como o discurso e a argumentação). Assim, os empreendedores utilizam-se de recursos sociais, como a expertise e a autoridade moral, para convencer a comunidade a aceitar as normas. O construtivismo destaca também o poder de líderes ativistas e de ONGs na mudança de normas nas áreas de direitos humanos e do meio-ambiente (ARMSTRONG; FARRELL; LAMBERT, 2007).

As dificuldades enfrentadas pela teoria construtivista das Relações Internacionais são comparáveis aos desafios de conceituação do nacionalismo por parte dos estudiosos. Ao negar informações pré-concebidas acerca da distribuição de interesses e de poder típicas das teorias

racionalistas e ao pregar a importância da interação social (o que torna a análise mais restrita e subjetiva), falta ao construtivismo a necessária generalidade das grandes teorias. Aliás, na opinião de Guibernau (1997), a força do nacionalismo procede não apenas do pensamento racional, mas do poder irracional das emoções que se originam dos sentimentos de pertencer a um determinado grupo. Para a construtivista Finnemore (1996), “o nacionalismo é um interesse social e é socialmente construído”.

Assim, conforme o que foi observado na seção anterior, a teoria construtivista pode explicar de forma bastante satisfatória o nacionalismo. A formação de um sentimento nacional não é independente da interação social. A invenção de tradições, uma prática que permitiu que fosse estabelecida uma necessária continuidade em relação ao passado de uma comunidade - reforçando a consciência coletiva -, foi uma estratégia utilizada especialmente pelos governos para empreender valores, normas e idéias de coesão social que contribuíram para legitimar a sua posição dirigente.

Os significados que adquiriram essas tradições seriam, então, uma consequência dos entendimentos socialmente atribuídos a elas que, por sua vez, dependem da configuração cultural e histórica de grupos específicos. Para construir esse entendimento, o controle dos meios de comunicação e da educação pelo governo foi essencial, cujos valores e idéias de identificação nacional procuravam substituir os tradicionais laços religiosos da era pré-industrial. Apesar disso, outras tradições que não se caracterizaram por serem impostas de cima para baixo também receberam um forte significado de identificação nacional. A prática futebolística, como será analisada no capítulo 2, é um dos principais exemplos.

1.2.1.1. O interesse nacional

Como visto, os construtivistas acreditam que as identidades e os interesses dos atores são definidos por meio da interação social. Dessa forma, a análise dos interesses dos diversos Estados fica bastante prejudicada, haja vista a variação cultural e histórica que os acomete constantemente. Não obstante, Wendt (1999) descreve alguns elementos que parecem constituir-se em características essenciais dos Estados, independentemente de considerações sociais.

Segundo o autor, os neoliberais George e Keohane identificaram três interesses nacionais: a sobrevivência física, a autonomia e o bem-estar econômico. À esses três interesses Wendt (1999) adicionaria um quarto: a auto-estima coletiva. Ainda para o autor, os

neorealistas, como Waltz, considerariam a existência de apenas um interesse: a sobrevivência. Esta seria uma precondição para que fosse possível atingir outros objetivos. Diante de um sistema internacional anárquico, há uma necessidade vital de proteger o Estado a qualquer custo.

A autonomia está ligada à capacidade do Estado de manter o controle sobre a alocação dos seus recursos e sobre as suas escolhas. A ideia é que não bastaria para o Estado a manutenção da sua existência caso não houvesse a independência e a liberdade necessárias para a realização das demandas internas e para responder às contingências do ambiente. Esse conceito deriva do tradicional conceito de soberania estatal (WENDT, 1999).

Bem-estar econômico refere-se à manutenção do modelo de produção em uma sociedade e da base de recursos do Estado. Wendt (1999) chama a atenção para o fato de que o conceito de bem-estar descrito tem sido confundido na sociedade moderna com o conceito de crescimento econômico. Para o autor, entretanto, esta percepção deriva da característica do modelo de produção capitalista, que necessita da sua reprodução tanto para a legitimação da ordem econômica quanto para aumentar os benefícios materiais da sociedade. Todavia, em última instância, é o bem-estar econômico e não o crescimento econômico que se caracteriza como um interesse nacional (WENDT, 1999).

Por último, o construtivista adiciona aos interesses nacionais o conceito de auto-estima coletiva. De acordo com o autor, a auto-estima coletiva refere-se à necessidade do grupo de sentir-se bem sobre si mesmo. Por ser uma necessidade humana básica, os indivíduos buscam-na constantemente em uma associação. Como resultado, essa associação passa a incorporar esse desejo, que pode expressar-se de várias maneiras diferentes. Como salienta o autor, essa característica dos Estados não é independente da estrutura de conhecimentos compartilhados existente, uma vez que a percepção da autoimagem coletiva passa em grande parte pelo relacionamento com significativos “outros”. É pela perspectiva do “outro” que o “eu” percebe-se. Em ambientes internacionais altamente competitivos, as auto-imagens negativas tendem a emergir da percepção de desdém e da humilhação por parte de outros Estados (WENDT, 1999).

Talvez o melhor exemplo da importância deste último fator seja o envolvimento militar alemão no pós-Guerra, analisado por Zehfuss (2002):

O antimilitarismo é frequentemente apresentado como um efeito da socialização do pós-segunda guerra. A não-violência e a pacificação requerida da República Federal da Alemanha após a guerra se tornaram objeto de convicção. A rejeição do

uso da força na política internacional foi então vista como internalizada (ZEHFUSS, 2002, p.25).

Dessa forma, a auto-estima alemã no pós-Guerra fora fortemente abalada. A rejeição externa à Alemanha contribuiu para a construção de uma auto-imagem negativa dentro do país. Como mostra Zehfuss (2002), a aprovação interna ao envolvimento militar alemão em conflitos internacionais era de apenas um em cada quatro por ocasião da Guerra do Golfo, em 1991. No caso alemão, o fator auto-estima nacional mostra-se tão ou mais importante do que o da sobrevivência do Estado, estreitamente ligada ao militarismo.

2. FUTEBOL: ORIGEM E CONSTRUÇÃO SOCIAL

“nenhuma das grandes ideologias universais — o cristianismo, o islamismo ou o socialismo [...] — puderam abarcar unanimemente sociedades, culturas, continentes, raças e sistemas políticos tão diversos como o futebol chegou a fazê-lo neste final de século”

SEBRELI, Juan José. **La era del fútbol**. Buenos Aires: Sudamericana, 1998, p. 30

O propósito deste capítulo é explorar a origem do futebol e sua relação com a sociedade em que vivemos, com o intuito de entender o impacto e as motivações por trás deste esporte através da lente construtivista. À vista disso, será separado em três partes. A primeira parte tratará da origem do futebol, em especial a partir do *soule*, e como o período então vivido na Inglaterra influenciou sua concepção. É fato que inúmeros jogos com bola praticados anteriormente tiveram sua parcela de contribuição, como o calcio fiorentino, também conhecido como *calcio storico*, datado do século XVI. No entanto, me apoiarei ao *soule* por conta de seu contexto ser mais relevante à pesquisa. No segundo momento, discorrer-se-á sobre a relação entre o futebol e a sociedade, a conexão com a torcida e sua dimensão econômica e midiática. Por fim, o vínculo entre futebol, política e interesses nacionais será observado, retomando o debate do capítulo anterior sobre nacionalismo e preparando terreno para o próximo capítulo, quando o estudo de Catalunha e Kosovo passa a ser o centro do diálogo.

2.1. COSTUME E TRADIÇÃO: DO *SOULE* À FOOTBALL ASSOCIATION

Como Wisnik (2008) descreve em seu trabalho, os primeiros registros de práticas similares às do futebol são de meados da Idade Média, onde em regiões da França realizava-se o *soule*, uma celebração popular que se estendeu ao longo de vários séculos até evoluir ao esporte que hoje temos. O *soule* traduz-se em uma disputa de bola entre dezenas de pessoas (muitas vezes centenas), sendo permitido conduzir a pelota utilizando os pés e as mãos, para ganhar terreno sobre o adversário fazia-se uso de emboscadas, choques e basicamente qualquer tipo de disputa corporal. Os jogadores distribuíam-se ao longo de bosques, vilarejos, cidades e campos, numa peleja sem fronteiras definidas, onde o objetivo final era conduzir a bola até o centro do próprio território ou outro ponto definido.

Os competidores não possuíam o caráter de equipes esportivas nos moldes que conhecemos hoje, estavam mais para uma disputa entre clãs ou grupos de pessoas. Portanto,

enfrentavam-se comunidades vizinhas, cidade contra campo, e o clássico que temos até hoje como casados contra solteiros. Aos praticantes não faltavam contusões de todos os tipos, incluindo ossos quebrados, contusões, ferimentos e, até mesmo, algumas mortes. (WISNIK, 2008)

O objeto de disputa, segundo Wisnik (2008), a bola, era de couro preenchido com feno, farelo, crina ou musgo. Às vezes as bolas tinham pompons de lã. A bola também é o que dá origem ao nome do jogo, *soule* é de uma palavra do franco antigo *keula*, que significava cavidade, abóbada e objeto redondo que surge a raiz da palavra *soule* (ou *choule*), tendo origem no noroeste da França, nas regiões da Normandia, Bretanha e Picardia. O *soule* esteve sempre associado às festividades e às raízes pagãs do jogo. Jogado em dia de festa, no Carnaval, nos Santos Padroeiros, no Natal e Páscoa, em casamentos e outras cerimônias religiosas, o jogo desde cedo interessou à igreja que assim, como em tantas outras manifestações de cultura popular, despiu o jogo de simbologia e significado pagão.

De acordo com Pociello (1988), a invenção do futebol, por sua vez, pode ser vista como uma manobra técnica e social “*antissoule*”, uma vez que se aproveita dos jogos populares para criar uma versão menos crua e, num primeiro momento, elitista do esporte. Diferentes das outras práticas aristocráticas onde o contato físico é evitado, o futebol nasce como um lugar onde o corpo a corpo é admitido, mesmo que de forma regulada. Ao mesmo tempo, também se distingue dos costumes mais populares que apreciam um confronto bruto, livre de regras, seja entre humanos ou animais.

Influenciados pelo regime parlamentar e pluripartidário, a elaboração do futebol se estendeu ao longo das décadas de 1820-1860 num consenso à inglesa, pragmaticamente estipulado a partir do uso, em outras palavras, através de um longo processo de regulamentação imposta pela prática repetida. Chegamos então em 1863, quando é fundada a Football Association, fundamentando a primeira versão de regras do jogo. (WISNIK, 2008)

A normatização do futebol é, ao mesmo tempo, uma disputa entre a rebeldia e paixão juvenil pela bola e pelo jogo contra a resistência de educadores e clérigos, que só aceitaram o esporte quando este já estava quase concebido, sob o conceito de *mens sana in corpore sano*. Assim, o futebol passou a ser interpretado através de uma ideologização pedagógica que estima as virtudes de “liderança, lealdade e disciplina” são absorvidas pelos jovens praticantes e futuros encarregados pela condução do império britânico, seja no campo político-econômico, seja no campo militar. (WISNIK, 2008; POCIELLO, 1988)

Wisnik (2008) define que o jogo passara então de um momento completamente lúdico, meio violento e meio socializador, como se caracterizava o *soule*, para algo mais

coordenado e controlável. No lugar de um número incontável de participantes; de um terreno não delimitado, composto por relvados, brejos, aldeias; de praticantes feridos e até mesmo mortos; uma nova práxis, onde tudo é definido, onze jogadores de cada lado, um gramado retangular simetricamente disposto aquém dos ambientes do dia-a-dia, um árbitro para aferir as disputas de bola e a saúde dos atletas. No lugar de uma festa cheia de desperdícios até o esgotamento das energias, um tempo regulamentar a ser esgotado, uma produtividade a ser extraída como resultado.

2.2. AMOR E ESPETÁCULO

Damo (2008) trata da relação entre jogadores e torcedores, a partir das interações entre Dom - entende-se como a habilidade de jogar futebol, e pode ser dividido entre Dom, sinônimo de talento, e Dom como sinônimo de dádiva, este último coloca responsabilidade de retribuição sobre os atletas.

No contexto do futebol, com frequência se usa o termo Dom para se referir ao talento de um jogador. Porém, essa não é a única condição para o jogador de futebol ter sucesso na carreira, pois o dom precisa ser lapidado. Em sua pesquisa por centros de treinamento brasileiros e franceses, Damo (2008) percebeu que os profissionais formadores preferiam usar termos como “talento” e “potencial”. O termo “dom” remete a alguém que não necessitou passar pelo longo processo de profissionalização, que se estima em torno de 5.000 horas e se arrasta por longos 8 a 10 anos.

Damo (2008) classifica as habilidades físicas e futebolísticas como capital futebolístico e exalta que aqueles que são especialmente dotados desse capital são generosamente recompensados. Porém, apesar da longa jornada rumo ao estrelato e as promessas de fama, em 2018, 55% dos jogadores profissionais de futebol no Brasil recebiam o equivalente a um salário mínimo, e outros 33% recebiam entre R\$1.001,00 e R\$5.000,00, de acordo com a pesquisa encomendada pela Confederação Brasileira de Futebol (CBF) em 2019.

Segundo o mesmo relatório da CBF, apenas 7% dos boleiros com carteira assinada conseguem salários acima de R\$10.000,00. Podemos chamá-los de predestinados e, de acordo com Damo (2008), aquele que se reconhece como predestinado se torna suscetível a retribuir, de algum modo, à dádiva que acredita estar na origem de todos os investimentos. Isso não é obra de um indivíduo isolado que, depois de um exame de consciência, sente-se impelido à

retribuição. O que explica ser comum histórias de jogadores que gastaram toda sua fortuna gerada no através do esporte.

A crença no dom é muito frequente no entorno dos jogadores provenientes de comunidades populares, em que a ideologia individualista é mais difusa. Para haver uma cadeia de reciprocidades, será necessária a existência de um arranjo social pequeno, que o autor define como *entourage*, afim de lembrar e até mesmo a reivindicar que os produtos do dom sejam partilhados – pode ser em espécie, presentes, imóveis, empregos, entre outros. (DAMO, 2008)

Para Damo (2008), o dom tido como sinônimo de dádiva constitui uma cadeia de reciprocidades múltiplas, existindo mesmo onde não é manifesto abertamente. Isto é, são as configurações sociais que geram o dom as responsáveis por orientar a sua manipulação. Os dividendos provenientes do dom não são propriamente redistribuídos, mas disponibilizados no circuito do *entourage*. A partir daí são desencadeadas uma série de negociações, não raro conflituosas, em torno dos direitos e deveres de acesso às benesses geradas pelo dom. Muitas vezes as disputas entre o *entourage* são tão acirradas que os próprios atletas acabam envolvidos, apresentando queda de rendimento nos treinamentos e nos jogos.

Segundo Damo (2008), todo o circo em torno do futebol envolvendo o dom futebolístico só é possível graças ao público que acompanha o espetáculo. Desde os primórdios do esporte, os clubes foram responsáveis pela difusão do ideário romântico, transformando-se em instituições que representam uma comunidade de sentimento, cujo sentido é dado pela existência de outras comunidades do mesmo gênero.

A escolha de um clube não é rigorosamente racional, normalmente se dá sobre forte influência de um familiar ou amigo próximo. Isto acarreta num sentimento de pertencimento e vínculo de sangue, valores muito fortes e disseminados na nossa cultura. A ideia de que um clube não pode ser trocado é reforçada no plano afetivo às solidariedades parentais, a família perde e ganha unida através do futebol. (DAMO, 2008)

Como Damo (2008) explica, o clubismo institui um sistema onde a troca entre torcedores de clubes rivais é de zombarias, prevalecendo os insultos, as provocações e, portanto, a incitação ao conflito. Mas os insultos ordinários são, por comparação, amenos e assemelham-se, sob vários aspectos, ao tom ambíguo entre a hostilidade e a amistosidade. Tais interações permitem inverter a hierarquia habitual das relações, na qual um subordinado pode, por exemplo, se dar o luxo de zombar do superior, o aluno, do professor, e assim sucessivamente.

O que o sistema não tolera são comportamentos ambivalentes, como só gostar de futebol quando convém, ou trocar de “clube do coração”. (DAMO, 2008)

Com a espetacularização do futebol, Damo (2008) acredita que os torcedores tornaram-se, para além de clientes, a única esfera que se relaciona com o esporte exclusivamente por amor. Analisando esse mercado consumidor, não é de se estranhar que o fator econômico tem pesado cada vez mais nas decisões de federações, clubes e atletas. Só em 2018 cerca de R\$53bi foram movimentados pela cadeia produtiva do futebol brasileiro, representando cerca de 0,73% do PIB, como mostra o relatório encomendado pela CBF em 2019.

Entrando na esfera global, segundo Marian Otamendi, diretora da World Football Summit em entrevista ao jornal AS em 2018, a indústria do futebol pode se tornar equivalente à 17ª maior economia do mundo. Comparando com as maiores economias do respectivo ano, é equivalente ao PIB da Holanda, 913 bilhões de dólares, segundo o Banco Mundial. (OTAMENDI, 2018)

Observando o alcance que o futebol é capaz de ter em termos de espectadores, a Copa do Mundo de 2018 teve 3,572 bilhões de telespectadores - mais da metade da população mundial com 4 anos de idade ou mais - que assistiram a alguma parte da cobertura oficial, que foi transmitida ao vivo em todos os territórios do planeta entre 14 de junho e 15 de julho, de acordo com a Federação Internacional de Futebol. O número de pessoas que assistiram em casa a pelo menos um minuto da cobertura chegou a quase 3,3 bilhões de espectadores, um aumento de 2,2 por cento em relação à edição de 2014 sediada pelo Brasil. Outras 309,7 milhões de pessoas acompanharam o evento em plataformas digitais, telões em locais públicos ou em bares e restaurantes, segundo uma auditoria de dados de audiência da FIFA.

A vitória da França por 4 a 2 na decisão, que lhe rendeu o segundo título mundial depois do triunfo de 1998, foi o jogo mais assistido da competição. A derrota da Inglaterra para os croatas e o confronto de França e Bélgica, ambos nas semifinais, vieram a seguir entre os mais vistos. (FIFA, 2018)

2.3 FUTEBOL (TAMBÉM) É POLÍTICA

O futebol é hoje uma das formas de entretenimento mais populares em todo o mundo. Ele está intrinsecamente conectado aos sistemas econômicos, políticos, culturais e educacionais que atuam em um tecido social específico. Uma vez que eventos esportivos unem membros da nação em circunstâncias altamente emocionais, eles não funcionam apenas

como mecanismos para expressar sentimentos nacionais, mas também, muitas vezes, ideologias antagônicas, trazendo à tona uma variedade de políticas de exclusão / inclusão e diferença. Os torcedores têm laços emocionais de longa duração com suas equipes. Conseqüentemente, o futebol se torna uma arena crucial para inscrever uma série de discursos em relação à legitimidade (ou falta) de uma determinada nação, funcionando como um "recrutamento" e ferramenta para uma variedade de facções políticas e sociais. Além disso, o futebol, como outros esportes, não se limita a eventos ao vivo ou encontros comunitários em frente a um aparelho de TV ou rádio transmissor. Está fundamentalmente "incorporado nas rotinas diárias e práticas espaciais da vida das pessoas". (ORTEGA, 2016)

Como tal, atua como uma ferramenta de diferenciação cultural e social de construção e afirmação da nação que está em constante evolução e multifacetada. Assim, o futebol não só apóia 'a construção de uma nação imaginada', mas a repensa e a remodela por meio de diversas práticas sociais e, conseqüentemente, desempenha um papel fundamental na reconstrução e transformação de sua blocos de construção culturais e políticos à medida que a história se desenrola. (ORTEGA, 2016)

Os impactos mútuos entre o esporte e a sociedade têm sido bastante analisados academicamente, especialmente por disciplinas como a sociologia e a antropologia. No que tange às Relações Internacionais, entretanto, muito pouco foi produzido. Levermore e Budd (2004) criticam a teoria realista por não considerar as práticas sociais internas e os processos subnacionais nas suas explicações, como se não houvesse conseqüências para a política externa dos países. Ademais, as teorias tradicionais estariam predominantemente focadas no Estado e nas high politics, tendendo a excluir das análises outras características do sistema internacional (BEACOM, 2000).

Assim, ao considerar que as características do sistema internacional são construídas por meio da interação social, o construtivismo visa a trazer novas alternativas para a análise das Relações Internacionais. Isso não significa dizer que o Estado não seria importante, pois ele continua tendo um papel central nas Relações Internacionais. Não obstante, outros atores também devem ser considerados, reservando também um enfoque maior para a estrutura de idéias, de valores e de normas que decorrem das interações sociais.

2.3.1 O Futebol Interessa a Quem?

O presidente sul-africano em julho de 1996 e sem dúvida influenciado em parte pelo alto perfil do esporte na campanha anti-apartheid, Nelson Mandela observou que 'o esporte é

provavelmente o meio de comunicação mais eficaz no mundo moderno, contornando a comunicação verbal e escrita e alcançando diretamente bilhões de pessoas em todo o mundo', é o que descreve Beck (2004). O autor acredita que apesar das frequentes afirmações de que política e esporte não se misturam, tem sido difícil evitar que o esporte adquira uma dimensão extra-esportiva aos olhos dos governos, da mídia e da opinião pública na sociedade globalizada de hoje.

Já segundo Lee (2004), o esporte não está imune aos conflitos entre a regulamentação pública e o poder privado que estão no cerne do debate sobre governança, e o futebol, o esporte mais popular do mundo, os expressa de maneira particularmente clara. Nenhum outro esporte profissional gera tanta receita comercial ou lealdade popular, seja em nível de clube ou internacional.

O futebol é o esporte mais popular do mundo, comercialmente ou por meio de aliança, e tem mais de 200 milhões de praticantes. A Copa do Mundo de 1998 teve um recorde de 32 países participantes, em comparação com apenas 24 em 1990, e a audiência total da televisão para o torneio foi estimada em 37 bilhões, uma média de 578 milhões por jogo, com a própria final atraindo cerca de dois bilhões de telespectadores.

De fato, estimou-se que a Copa do Mundo de 2002 geraria US\$26,8 bilhões ou 0,6 por cento do PIB para o Japão e US\$8,8 bilhões ou 2,2 por cento para a Coreia do Sul. O banco de investimento HSBC calculou que as ações dos países anfitriões das dez edições anteriores copas superaram as do resto do mundo em uma média de 8,8 por cento nos seis meses anteriores à competição, embora os mercados de ações dos países anfitriões tenham caído em uma média de 6,4 por cento nos seis meses seguintes, sugerindo que o futebol gera bem estar financeiro de apenas curto prazo. (LEE, 2004)

De acordo com Lee (2004), o futebol também pode ter um impacto prejudicial no desempenho econômico nacional: esperava-se que até £3,2 bilhões fossem perdidos do PIB devido à 'doença' dos trabalhadores durante os jogos da Inglaterra da Copa do Mundo de 2002. Na verdade, a produção industrial caiu 5,3% em junho, em comparação com o mês anterior, a maior queda mensal em 23 anos.

A governança do futebol mundial é complicada por combinar competição feroz e motivação para vencer, por um lado, e cooperação e intercâmbio dentro das estruturas da liga e da copa e de acordo com as leis e regulamentos estabelecidos, por outro. (LEE, 2004)

Como aponta Lee (2004), a governança do futebol foi ainda mais complicada durante a década de 1990 com a entrada de novos atores privados significativos que buscavam maior influência sobre a distribuição da renda e da riqueza do futebol que crescia rapidamente. Por

exemplo, em nível de clube, em 1991, 20 dos clubes de elite da Inglaterra romperam com seu órgão representativo estabelecido, a Liga de Futebol, e criaram seu próprio órgão, a Premier League. Esta mudança na governança do futebol inglês permitiu que os clubes da Premier League negociassem contratos de transmissão separados. O autor comenta que esse padrão se repetiu em toda a Europa sete anos depois, quando um grupo de elite de 14 clubes de prestígio foi persuadido pela Media Partners, a empresa sediada em Milão de propriedade de Silvio Berlusconi, mais tarde primeiro-ministro italiano, a formar o G14 para 'maximizar a receita da televisão da Liga dos Campeões'. O G14 mais tarde veio a ser a Associação Europeia de Clubes (ECA), e tem como objetivo principal empoderar os clubes na busca de melhores negociações com a União Europeia das Associações de Futebol (UEFA).

2.3.2 Simbolismo, Nação e Esporte

Segundo Murray e Pigman (2014), os símbolos nacionais são importantes para promover a identidade em uma nação e desenvolver um senso de nacionalismo, e seu emprego em relação a equipes esportivas nacionais ou atletas aumenta a identificação e desempenham um papel crucial na construção e manutenção da nação. Pode-se dizer que os símbolos-chave condensam narrativas nacionalistas que são instantaneamente reconhecíveis e podem facilitar a ação coletiva nacionalista.

Como já mencionado no capítulo anterior, esses símbolos nacionais incluem a bandeira nacional, o hino nacional e o emblema nacional, refletindo todo o contexto, pensamento e cultura de uma nação e descrevem as comunidades nacionais e servem como uma identificação de estados. Como uma nação é uma noção abstrata, uma construção social, símbolos são usados para torná-la visível, uma forma de expressar atitudes ou pontos de vista e uma expressão de lealdade. Os símbolos da camisola de futebol nacional e da composição da equipa de futebol, podem ser vistos como fornecendo atalhos para o grupo que representam. Sua presença pode ter o efeito de transformar estranhos totais em uma coletividade unificada lutando contra um adversário comum, enfatizando o conceito da comunidade imaginada de Benedict Anderson e da tradição inventada de Hobsbawm. O esporte é frequentemente associado a bandeiras e hinos, pois identificam a equipe e mostram apoio a ela, incentivando os apoiadores a indicar sua lealdade. (MCGUINNESS, 2020; HOBSBAWM, 1984)

Nos esportes internacionais, os torcedores se envolvem emocionalmente com a seleção nacional - e os hinos, as manifestações de massa de patriotismo e simbolismo

certamente aumentam o senso de nacionalismo. Por exemplo, durante a Copa da Ásia de Futebol de 2004, sediada na China, a seleção japonesa enfrentou hostilidade em todos os lugares em que jogou. Os espectadores chineses importunavam os jogadores, cantavam canções anti-japonesas da guerra de libertação e exibiram faixas provocativas. Nesse sentido, o esporte contradiz a diplomacia (tema que será observado com mais afinco em seguida), cuja função central é a minimização de atritos nas relações internacionais. (MURRAY; PIGMAN, 2014)

Depetris-Chauvin, Durante e Campante (2020) afirmam que poucas coisas despertam as paixões nacionais tanto quanto os esportes, e de Hitler a Mandela, os líderes políticos frequentemente tentam aproveitar esse poder para fortalecer as identidades nacionais. No entanto, há pouca evidência empírica de quão eficazes são as experiências compartilhadas, como as criadas por conquistas esportivas, quando se trata de construção de uma nação.

Depetris-Chauvin, Durante e Campante (2020) mostram que experiências compartilhadas coletivamente do tipo induzida pelos esportes, e pelo futebol internacional em particular, podem moldar identidades de maneiras que podem ajudar a construir o sentimento nacional em detrimento da identificação étnica. Por exemplo, no contexto da África Subsaariana, os autores descobriram que os indivíduos entrevistados nos dias imediatamente após a vitória de sua seleção nacional de futebol têm menos probabilidade de relatar um forte senso de identidade étnica (em oposição à nacional) do que os entrevistados imediatamente antes. O efeito estimado por eles é considerável, respondendo por uma diminuição de 37% na probabilidade média de auto identificação étnica, e robusto para diferentes especificações e controles. A exposição às vitórias das seleções nacionais também está associada a um maior nível de confiança nos outros, em geral, e em indivíduos de outras etnias, em particular. Esses efeitos parecem ser impulsionados por um aumento genuíno no orgulho nacional, em vez de uma euforia pós-vitória genérica; de fato, as vitórias da seleção nacional não têm impacto significativo em outras atitudes, como apoio ao governo ou otimismo sobre as condições econômicas presentes e futuras. (DEPETRIS-CHAUVIN; DURANTE; CAMPANTE, 2020)

Várias implicações relevantes para as políticas decorrem de tais descobertas, indo muito além do domínio dos esportes. Em primeiro lugar, as políticas que favorecem a participação emocional, que podem ser desencadeadas podem ser mais eficazes para forjar um sentimento comum de unidade e estabelecer as bases para mudanças culturais e políticas mais duradouras. Elas também destacam que as estratégias de construção da nação estão disponíveis mesmo em contextos de baixa capacidade do Estado e podem funcionar como um substituto para outras ferramentas de construção da nação mais exigentes, especialmente

ilustrando como diferentes grupos podem cooperar com sucesso. (DEPETRIS-CHAUVIN; DURANTE; CAMPANTE, 2020)

2.3.3 Esporte no Contexto Das Relações Internacionais

No contexto das Relações Internacionais, o esporte pode atuar como instrumento de diplomacia, sendo utilizado para ganhar visibilidade ou promover parcerias e acordos, como também um mecanismo para manutenção da estrutura westfaliana de Estados-nações. (LEVERMORE, 2004; BRENTIN; TREGOURES, 2016)

Para Levermore (2004) ao simplesmente destacar a competição entre estados concorrentes (ou equipes que representam estados), os eventos esportivos internacionais ajudam a concretizar a impressão de que a estrutura interestatal é "natural". As competições entre equipes estaduais representativas costumam levar muito mais do que uma simples mensagem esportiva - o elemento competitivo "natural" do estado é frequentemente destacado, principalmente na mídia, segundo Levermore. Para o autor, um dos exemplos mais notáveis da importância política e competitiva atribuída a uma competição esportiva interestadual foi durante a Guerra Fria, quando as partidas de hóquei no gelo entre os EUA e União Soviética foram disputadas em um contexto competitivo volátil e onde a equipe vencedora foi retratada seu sistema político como o preeminente.

Em muitas partes do mundo, a construção de fronteiras interestaduais é um evento relativamente recente, com a maioria das fronteiras criadas e fixadas entre o final do século XIX e meados do século XX por líderes políticos; esporte auxiliado pelo reforço de imagens mentais dessas fronteiras. Por exemplo, ao longo do século XX, as organizações desportivas internacionais apoiaram a construção e manutenção de fronteiras entre estados, como se fossem reais. (LEVERMORE, 2004)

Brentin e Tregoures (2016) afirmam sobre a possibilidade de utilizar o esporte através do soft power, neste contexto, referem-se à cultura e valores de entidades políticas ou sociais que seus representantes podem empregar com eficiência para perseguir seus interesses nas relações externas ou para alterar as atitudes e o comportamento de outros atores. Levermore (2004) complementa, o esporte tem desempenhado um papel na construção de 'novos' nacionalismos e estados-nação, especialmente nos esforços para legitimar a criação de um estado sendo 'reconhecido'; primeiro, por populações frequentemente diversas enquadradas dentro de "sua" jurisdição territorial e, segundo, pela comunidade internacional.

Os atletas profissionais, bem como outras figuras públicas ou populares - por exemplo, atores, músicos, artistas e assim por diante - frequentemente operam como quase embaixadores; e fazem isso para um público global dentro da batalha do soft power pelo reconhecimento e reputação internacional. Tais embaixadores também podem influenciar e mobilizar o patriotismo e a coesão social perpetuando um conceito de união como uma "comunidade imaginada". (BRENTIN; TREGOURES, 2016)

O esporte muitas vezes se tornou um importante veículo pelo qual o estado é reconhecido na comunidade internacional. Ser membro de associações internacionais como a FIFA é particularmente importante, pois além de ser admitido como membro das Nações Unidas, é o sinal mais claro de que o status de um país como estado-nação foi reconhecido pela comunidade internacional". (LEVERMORE, 2004)

Indo mais além, o surgimento de uma variedade de conceitos em estratégias diplomáticas internacionais - de "diplomacia pública" a "diplomacia digital" - que questionam a centralidade do estado para as relações diplomáticas posicionaram o esporte representativo como um mecanismo estrategicamente central para alcançar e influenciar públicos estrangeiros. Nos últimos 30 anos, as competições esportivas internacionais deixaram de ser uma ferramenta da Guerra Fria usada por ambos os blocos hegemônicos para provar a superioridade simbólica para um instrumento político privilegiado frequentemente usado por estados emergentes, jovens ou pequenos para obter reconhecimento simbólico e uma boa imagem no exterior. (BRENTIN; TREGOURES, 2016)

O esporte entre nações e povos pode ser usado para consolidar desenvolvimentos políticos, como foi o caso do encontro de 1520 entre o rei Francisco I da França e Henrique VIII da Inglaterra. Os dois reis e comitivas competiram esportes medievais por um período de duas semanas, foi organizado para fortalecer o vínculo de amizade entre os dois monarcas após o Anglo - Tratado francês de 1514. (MURRAY; PIGMAN, 2014)

Outro exemplo é a visita da equipe de tênis de mesa dos Estados Unidos à China em abril de 1971. O encontro foi utilizado pelos governos de Mao e Nixon como um veículo para testar se o público dos dois países aceitaria uma abertura diplomática mais formal das relações congeladas entre os dois adversários da Guerra Fria. A diplomacia do pingue-pongue abriu o caminho para a visita do presidente dos EUA, Richard Nixon, em fevereiro de 1972. (MURRAY; PIGMAN, 2014)

O apelo popular global do esporte como um recurso poderoso e maleável para a autorrepresentação e a transmissão de informações simbólicas explica isso. Até certo ponto, tornou-se a maneira mais rápida e eficaz de mapear países jovens, emergentes ou pequenos e

de o público estrangeiro se acostumar com um nome, uma bandeira, uma camisa ou um hino. Daí a rapidez com os quais estados recém-estabelecidos pedem para ser membro de associações esportivas internacionais levam a sugerir que um quarto elemento deve ser adicionado aos três elementos weberianos clássicos de condição de Estado - governo, território, povo: a seleção nacional de futebol. (BRENTIN; TREGOURES, 2016)

3. KOSOVO E CATALUNHA

Neste capítulo, a essência da pesquisa está em investigar a construção da nacionalidade e da história de Kosovo e Catalunha dentro de suas respectivas formação social e política, para que no próximo capítulo seja possível fazer a correlação entre a formação do sentimento nacionalista com o futebol. Na primeira parte do capítulo o foco será na história do Kosovo, a relação entre as etnias albanesa e sérvia ao longo dos séculos, na dissolução da Iugoslávia, a guerra do Kosovo e o processo de independência e a busca por reconhecimento internacional. Na segunda parte, o trabalho se aprofundará na formação da Espanha e sua influência no catalunismo, o desenvolvimento do movimento nacional catalão e os plebiscitos separatistas da Catalunha.

3.1. KOSOVO

Kosovo é um "pequeno estado" disputado e sem litoral, e uma antiga província da Iugoslávia, localizada nos Balcãs Ocidentais (ver Figura 1). Tem uma área geográfica restrita de cerca de 10.900km², uma pequena população de cerca de 1.794.000 habitantes e um PIB estimado em US\$7,9 bilhões para o ano de 2019. (GIULIANOTTI et al., 2016; BANCO MUNDIAL, 2019)

A população é de aproximadamente 88 a 92% de albaneses, de 4 a 8% de sérvios e de 4 a 6% de "outros" (principalmente bósnios, turcos, ciganos, ashkali e egípcios). Albanês e sérvio são línguas oficiais e ambas são convencionalmente usadas para nomear regiões e municípios; outras línguas reconhecidas incluem turco, bósnio, romani e gorani. A maioria das áreas prevalece a população de origem albanesa, no entanto, algumas regiões têm maiorias sérvias, notavelmente a região do Norte de Kosovo (incluindo Mitrovica Norte), Gračanica e Ranilug, enquanto outras, como a cidade de Štrpce, têm minorias sérvias substanciais. Em 2015, pelo menos metade da população do Kosovo tinha 25 anos ou menos. O PIB per capita foi estimado em apenas € 2.700 em 2014, com cerca de um terço dos habitantes vivendo na pobreza e um oitavo na pobreza extrema. Conseqüentemente, cerca de 700.000 a 800.000 kosovares vivem e trabalham na Europa Ocidental, principalmente na Suíça e Alemanha; dezenas de milhares de habitantes do Kosovo migraram para o oeste no final de 2014 e 2015. As remessas desta diáspora Kosovar ajudaram a sustentar a economia

nacional, representando pelo menos 15–18% do PIB desde 1995. (GIULIANOTTI et al., 2016; BANCO MUNDIAL, 2019)

Figura 1: Mapa dos Balcãs Ocidentais



Fonte: Google Maps (2021)

3.1.1. Nacionalismo Kosovar (Albanês) - Nacionalizmi Kosovar

O nacionalismo albanês faz parte do grupo de nacionalismos do sudeste europeu que começou a se desenvolver rapidamente a partir da segunda metade do século XIX, segundo conta Shaqiri (2018). Para Shaqiri, isso aconteceu como consequência de dois importantes fatores históricos da época: a crise do Império Otomano, que não era mais capaz de controlar

efetivamente os territórios balcânicos conquistados na Idade Média e a difusão das ideias políticas e culturais do mundo ocidental para esses territórios, entre os quais a ideia mais atraente era a ideia de nação. Draper (1997), aponta um terceiro elemento que também influenciou na busca por identificação em bases nacionais, temor pela dominação dos povos eslavos.

No entanto, ao contrário de seus vizinhos, os albaneses do movimento conhecido como “Renascimento Nacional Albanês”, ao criar a identidade nacional comum dos albaneses, foram confrontados com um problema fundamental: a diversidade religiosa. Houve a compreensão entre os líderes católicos e muçulmanos cooperantes de que, uma vez que não podiam escolher uma única religião como característica definidora do albanês, as comunidades ortodoxas também podiam ser albanesas. Outro elemento de comunidade foi encontrado, e os nacionalistas albaneses descobriram isso na língua albanesa. Para que esse elemento de comunidade funcionasse, a língua albanesa precisava ganhar a supremacia da sacralidade em relação à sacralidade religiosa. Para entender esse propósito, precisamos olhar para a poesia de Naim Frashëri, um dos mais renomados ideólogos do Renascimento. Lá encontramos momentos em que a língua albanesa é divinizada na medida em que é proclamada como uma língua de deuses. (SHAQIRI, 2018; DRAPER, 1997)

Os nacionalistas albaneses muitas vezes destacaram as origens pelagianas dos albaneses, tentando criar uma distinção clara entre albaneses e turcos. Sendo uma população de maioria muçulmana, os nacionalistas queriam evitar que com a destruição do Império Otomano, os albaneses fossem identificados como turcos que não tinham lugar na Europa, de modo que teriam que partir junto com o poder otomano. (SHAQIRI, 2018)

Curioso notar que o autor Shaqiri (2018), de origem albanesa e nascido em Kosovo, argumenta que os nacionalistas albaneses buscaram criar a identidade albanesa independente de religião e , portanto, com alta tolerância religiosa. Enquanto o autor Vladislavljević (2002), de origem sérvia, destaca que as principais fontes de antagonismo eram diferenças religiosas, no contexto da política de discriminação contra a população cristã sérvia, por parte dos albaneses.

De acordo com Shaqiri (2018), no final do Renascimento nacional, a unificação de todos os albaneses étnicos em um estado comum não pôde ser alcançada, pois o estado albanês proclamado em 1912 e reconhecido internacionalmente em 1913 não incluía dentro de suas fronteiras toda a etnia albanesa. Kosovo e outros territórios habitados pela maioria étnica albanesa permaneceram fora deste estado e este evento iria abrir outras divisões profundas dentro do nacionalismo albanês, dividindo-o em nacionalismo estatal albanês e

nacionalismo de territórios deixados fora do estado albanês. O primeiro continuou empenhado em preservar o estado existente dentro das fronteiras reconhecidas, sem quaisquer intenções realistas de expansão territorial, enquanto o último acalentava continuamente a esperança e o esforço de unir Kosovo e outros territórios com a Albânia.

3.1.2. A Guerra do Kosovo

Kosovo tem uma longa história de conflitos étnico-nacionais e territoriais, principalmente enraizados na "política de poder" realista das divisões nacionais e de estado-nação. Embora retratados pelos nacionalistas sérvios como 'o berço da nação sérvia', os albaneses têm sido a maioria no Kosovo desde pelo menos o início do século XVIII. Após 1945, Kosovo se tornou uma província autônoma da República Federativa da Iugoslávia (RFI) como parte da estratégia do presidente Tito de distribuir e equilibrar poderes entre os diferentes interesses nacionais. A tensão na região voltou a crescer na década de 1980, após a morte de Tito, causando o enfraquecimento das políticas de descentralização da RFI e com a ascensão de Slobodan Milošević, que se apoiou no discurso nacionalista sérvio para subir ao poder. (GIULIANOTTI et. al, 2016; WINTROBE, 2002)

Tito forneceu a liderança forte, apoiada pelos poderes repressivos do sistema comunista para conter os ódios antigos, que, no entanto, continuaram a ferver sob a superfície do comunismo e da autogestão. Quando o comunismo se desintegrou, eles simplesmente flutuaram de volta ao topo. E com a queda da Iugoslávia, o governo paralelo da maioria albanesa em Kosovo declarou independência junto com outras repúblicas iugoslavas. Os movimentos separatistas albaneses da província embarcaram em uma estratégia de resistência não violenta ao governo sérvio, com a premissa explícita de manipular normas e símbolos que atrairiam os estados ocidentais. (SEYMOUR, 2017; WINTROBE, 2002)

A resposta de Milošević a esses desafios na década de 1990 foi intensificar sua estratégia de provocação étnica e nacionalismo e oferecer incentivos seletivos (rendas) para tentar restaurar a lealdade dos principais grupos de interesse e do povo. Ao mesmo tempo, a Sérvia também aumentou a pressão sobre o Kosovo, agora a retratando como inimigo étnico que, supostamente, dizia estar tentando impor um estado islâmico e perpetrar genocídio contra os sérvios do Kosovo. (WINTROBE, 2002)

Inicialmente parecia que Kosovo iria evitar a violência e que o envolvimento internacional, embora limitado, era promissor. Isso incluiu, entre outras coisas, uma missão de monitoramento da Comissão de Segurança e Cooperação na Europa (CSCE) no Kosovo de

setembro de 1992 a junho de 1993; monitoramento por um Relator Especial da Comissão de Direitos Humanos da ONU e ONGs; e inclusão de Kosovo no grupo de trabalho da Conferência Internacional sobre os direitos das minorias da ex-Iugoslávia. A estratégia tinha limites importantes para os albaneses da província, no entanto. Embora estados externos tenham dado apoio limitado para a restauração do status autônomo de Kosovo na Sérvia, eles continuaram a se recusar a reconhecer as reivindicações de independência de Kosovo, tendo traçado o limite de reconhecer apenas as repúblicas constituintes. (SEYMOUR, 2017)

De acordo com Seymour (2017), afim de obter a cooperação de Milošević para o Acordo Geral para a Paz na Bósnia e Herzegovina, também conhecido como Acordo de Dayton, estados externos essencialmente retiraram Kosovo da agenda da diplomacia dos Balcãs, sinalizando que a campanha inicial para alcançar a independência por meio de uma estratégia de legitimação enfatizando a não violência havia falhado. Isso levou a uma mudança estratégica por parte dos albaneses de Kosovo, à medida que elementos mais radicais lançavam uma insurgência cada vez mais violenta de 1996 em diante. O colapso do Estado na vizinha Albânia em 1997 desencadeou grandes armazéns de armas, tornando a violência muito opção mais viável. O efeito sobre a legitimidade das reivindicações albanesas de Kosovo à autodeterminação foi inicialmente desastroso. Estados de fora condenaram o Exército de Libertação do Kosovo (UÇK) como um grupo terrorista, uma vez que aumentou a violência em 1998.

Percebendo isso como uma luz verde para uma repressão violenta, o governo iugoslavo embarcou em uma contra-insurgência sangrenta. Os meses seguintes testemunharam uma série de ataques provocativos pelo UÇK, seguidos por represálias sérvias e tentativas internacionais fracassadas de intermediar um cessar-fogo, a equipe de negociação da RFI /Sérvia foi intransigente até o fim. Em resposta, estados externos convocaram uma conferência de paz em Rambouillet. Apesar da ameaça de ação da OTAN, as negociações de Rambouillet terminaram sem assinaturas. (SEYMOUR, 2017)

Após 79 dias de bombardeio, a esmagadora disparidade de poder entre Belgrado e a OTAN forçou Milošević à assinatura do tratado de paz. Em 9 de junho de 1999, uma delegação sérvia assinou um acordo técnico-militar detalhando a retirada das forças sérvias do Kosovo. Por um lado, o acordo afirmou a soberania e integridade territorial da Iugoslávia; por outro, autorizou a nova administração a facilitar um "processo político destinado a determinar o futuro estatuto do Kosovo". Entretanto, a resolução autorizou uma "administração provisória para o Kosovo, ao abrigo da qual o povo do Kosovo pode gozar de autonomia substancial dentro da República Federal da Iugoslávia, e que proporcionará uma

administração transitória ao estabelecer e supervisionar o desenvolvimento de instituições autônomas democráticas provisórias". (SEYMOUR, 2017)

3.1.3. O Pós-Guerra e a Busca por Reconhecimento Internacional

O Acordo Provisório para Paz e Autogoverno no Kosovo deixou deliberadamente incerto para onde Kosovo faria a transição. A guerra teve legados importantes sobre a legitimidade das reivindicações de cada lado que impactaram os debates divisivos que se seguiram. O mais importante foi a deslegitimação das reivindicações sérvias no Kosovo, principalmente a partir da indiscriminada e desproporcional violência dos sérvios durante a guerra. (SEYMOUR, 2017)

Após a intervenção da OTAN, o lado albanês de Kosovo pressionou pela independência o mais rápido possível. A estratégia do governo baseava-se em manter a soberania jurídica internacional sobre Kosovo, adiando qualquer decisão sobre o status final o máximo possível. Os kosovares tiveram forte apoio dos EUA e de estados-chave da União Européia (UE), como Alemanha, França e Itália. A Rússia foi o principal aliado da Sérvia no Conselho de Segurança durante esse período. No entanto, uma série de estados da UE, como Grécia, Eslováquia, Romênia, Chipre e Espanha, também apoiaram a insistência de Belgrado em novas negociações e se opuseram a qualquer acordo sobre o status final sem o seu consentimento. (SEYMOUR, 2017)

O processo de resolução do status começou a estagnar em 2006, diante de tamanha divergência em relação ao caso. No entanto, apoiado por um número significativo de potências ocidentais, Kosovo declarou sua independência em fevereiro de 2008, recebendo o reconhecimento imediato dos Estados Unidos e de 22 dos 27 estados-membros da União Europeia, apesar dos violentos protestos da Sérvia, Rússia e China. (SEYMOUR, 2017; BRENTIN e TREGOURES, 2016)

Os Acordos de Rambouillet dão margem para a ambiguidade na discussão e explica tamanha divisão dos membros da comunidade internacional quanto ao desfecho da situação. Em suas declarações de reconhecimento e nos debates do Conselho de Segurança em torno da declaração de independência de Kosovo, uma série de Estados reconhecedores invocaram o parágrafo que incumbia a ONU de facilitar um processo político destinado a determinar o futuro status de Kosovo. O estabelecimento da independência supervisionada parcialmente reconhecida na sociedade internacional foi moldado pelo resultado dessas campanhas concorrentes de legitimação. Devido à contestada legitimidade de sua reivindicação, o

governo de Kosovo teve que se comprometer em aspectos importantes de sua soberania, deixando no local autoridades externas e restrições em áreas-chave. (SEYMOUR, 2017)

Por causa dessas oposições existentes e em andamento, o principal foco diplomático de Kosovo após a declaração de independência tem sido o processo de reconhecimento que leva à adesão plena à comunidade internacional. Simultaneamente, a Sérvia lançou uma campanha diplomática mundial para fazer lobby pelo não reconhecimento de Kosovo, que culminou no parecer consultivo da Corte Internacional de Justiça (CIJ) em 2010. Embora a Sérvia esperasse por uma decisão diferente, a CIJ concluiu que a declaração de independência de Kosovo não era contra o direito internacional. (BRENTIN e TREGOURES, 2016)

Em 2 de março de 2020, 97 estados haviam reconhecido a soberania de Kosovo entre 193 membros da ONU (50 por cento); 23 dos 27 estados membros da UE; 26 de 30 (87 por cento) Estados-Membros da OTAN; 60 por cento dos países da Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE); e 70 por cento do Conselho da Europa. O FMI e o Banco Mundial também reconheceram o Kosovo como um estado independente. Na UE, apenas cinco países (Romênia, Eslováquia, Grécia, Chipre e Espanha) não reconheceram o estado criado em 2008, Kosovo. Entre os principais países não reconhecidos no mundo, estão os chamados BRICS (os países emergentes: Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul), a Cidade do Vaticano e alguns países do norte da África como Marrocos, Argélia e Egito. Na região, a maioria dos estados dos Balcãs, com exceção da Bósnia e Herzegovina, Sérvia e Grécia, reconheceram o novo estado. (FERRERO-TURRIÓN, 2020)

Do ponto de vista do nacionalismo albanês, o estado kosovar constitui o cumprimento dos objetivos do movimento nacionalista desenvolvido no Kosovo desde 1912. Esta culminação, no entanto, não é considerada final porque as aspirações dos nacionalistas albaneses do Kosovo por liberdade e independência, juntamente com os derivados que estes dois conceitos básicos trazem, têm historicamente uma base sólida: a criação de um Estado albanês comum. Do ponto de vista internacional (ocidental), o estado do Kosovo não é um estado albanês, mas sim um estado multiétnico, que reflete as diversas comunidades que compõem a população de Kosovo. Em sua essência, o conceito de multiétnica é uma tentativa de politizar a etnicidade, ou seja, uma tentativa que vai na contramão do nacionalismo. (SHAQIRI, 2017)

3.1.4. Contexto Futebolístico

A Superliga de Futebol do Kosovo (em albanês: *Superliga e Futbollit të Kosovës*) é o nível mais alto do sistema da liga de futebol do Kosovo. A Superliga é organizada pela Federação de Futebol de Kosovo e atualmente a divisão tem um formato de 10 equipes. Os clubes jogam entre si quatro vezes durante a temporada em um calendário de 36 partidas. No final da temporada, as duas últimas equipes da divisão são rebaixadas para a segunda divisão, a Primeira Liga de Futebol de Kosovo. A Superliga funcionou fora da FIFA e da UEFA até Kosovo ser admitido em ambas as organizações, em 2016. (FFK, 2020; O'CONNOR, 2020)

Antes de ter uma liga organizada, as equipes do Kosovo faziam parte do sistema de ligas iugoslavas sob a Sub-Federação de Futebol de Belgrado. Durante a Segunda Guerra Mundial, parte do território foi integrada ao Reino da Albânia e muitos clubes foram para os torneios albaneses. Quando o conflito terminou em 1945, Kosovo tornou-se uma província da República Federal Socialista da Iugoslávia e uma divisão regional foi criada para a área: a Liga Provincial do Kosovo, bem como a Federação Kosovo de Futebol League (FFK) em 1946. (O'CONNOR, 2020)

Após a dissolução da Iugoslávia, os times vinculados ao FFK criaram um campeonato paralelo sem reconhecimento oficial, a Liga Independente, ao mesmo tempo que jogavam no sistema iugoslavo. A eclosão da guerra do Kosovo supôs a parada de todas as competições. Com o estabelecimento da Missão de Administração Provisória da ONU em 1999, todos os clubes albaneses do Kosovo ficaram sob o guarda-chuva do FFK, enquanto algumas equipes do Kosovo do Norte permaneceram no sistema da liga sérvia. (FFK, 2020; O'CONNOR, 2020)

O atual campeonato da liga do Kosovo, oficialmente, foi estabelecido em 1999 com a criação da Superliga de Futebol. Após a declaração de independência de 2008, o FFK ganhou o reconhecimento da UEFA em 2016 e as suas equipas puderam jogar competições europeias a partir da temporada 2017-18. (O'CONNOR, 2020)

Este período, após a adesão à UEFA E FIFA, é considerado ainda mais importante para o desenvolvimento do futebol kosovar, uma vez que agora, além de Kosovo participar nas eliminatórias europeias e mundiais com a sua seleção, os clubes estão competindo em competições europeias. Além disso, a Seleção Nacional no novo formato de competição da UEFA, a Liga das Nações, que começou em 2018, conseguiu triunfar na Liga D, sendo promovida à Liga C na próxima edição, e garantindo a participação no “play-off” para Euro 2020, que sem dúvida representa o maior sucesso da nossa seleção nacional. As seleções nacionais de outras faixas etárias, bem como as de competições femininas e futsal, também estão apresentando um bom desempenho. (FFK, 2020)

3.2. CATALUNHA

A Catalunha é uma região no nordeste do Reino da Espanha, banhada pelo Mar Mediterrâneo, tendo como capital a cidade de Barcelona e com área de aproximadamente 32.114km² (ver Figura 2). Seu PIB é de €237 bilhões para o ano de 2019, com cerca de 7,7 milhões de habitantes. (COUNTRYECONOMY.COM, 2021)

Figura 2: Mapa do Reino da Espanha



Fonte: Google Maps (2021)

Há diversos debates acerca da definição política catalã, se é uma região, comunidade autônoma, nação, ou até mesmo país. Os defensores da Catalunha como nação alegam buscar o direito de decidir, e considerar a existência histórica de uma entidade etnico-cultural catalã (CARVALHO, 2016). Para compreender este debate, é preciso entender sua história, movimentações culturais, linguísticas e políticas.

3.2.1. Formação da Coroa Espanhola

Segundo González (1997), nunca houve um sentimento hispânico de nação, isto é, uma entidade institucionalmente integrada e sócio-culturalmente homogênea. Desde o início,

o reinado de Castela era formado por um conglomerado de antigos reinos e senhorios, os quais mantinham sua própria personalidade e instituições, o que se manteve com a junção de outros reinados. (GONZÁLEZ, 1997)

Em 1469 houve a união entre Castela e Aragão (que incluía a Catalunha), como parte de uma estratégia de se juntar o maior número de reinos, os quais mantinham instituições, legislações, idiomas e moedas distintas. No caso da Catalunha, havia a *Generalitat de Catalunya*, como instituição responsável pelo autogoverno da região. A ideia, dessa forma, não era a de unir a Espanha. Carvalho (2016) afirma que a constituição desses reinos poderia ser caracterizada como uma espécie de confederação.

A partir do século XVIII, a língua tornou-se objeto de politização na Europa Ocidental, fazendo aparecer uma crescente preocupação política em suprimir as individualidades linguístico-culturais, bem como as diferentes legislações e instituições de autogoverno na Espanha, com a monarquia Bourbon. (CARVALHO, 2016).

Nesse sentido, segundo Abrão (2007), a Espanha passou de um estado pluralista a um estado absolutista que não correspondia à realidade interna, na medida em que havia uma diversidade de culturas e línguas, bem como culturas políticas diferenciadas que se desenvolveram pelo menos desde o século XIV.

Dessa forma, inicia-se um processo de “castelização” em todo o território da Coroa, incluindo Catalunha. Foram fundadas academias reais e demais órgãos culturais (ABRÃO, 2007). Apesar destes esforços, Carvalho (2016) argumenta que a incapacidade de formação de uma efetiva nação hispânica está relacionada com uma construção de identidade única. Por exemplo, a criação de símbolos nacionais foi lento, a Espanha só teve uma bandeira nacional em 1843, e foi modificada diversas vezes, ocorrendo o mesmo com o hino nacional até o século XX. (CARVALHO, 2016)

Abrão (2007) argumenta que o Estado espanhol não ampliou suficientemente as taxas de alfabetização e democratização para atingir um nível de nacionalização que superasse a diversidade linguístico-cultural de todo seu território. Carvalho (2016) acrescenta que a presença da Igreja católica tem um histórico forte na relação com a Coroa, sendo que o orçamento estatal para a manutenção do culto e do clero era 5 vezes maior do que para a educação.

Como consequência desse processo histórico considerado incompleto de nacionalização espanhola, Rovira i Virgili (1932) afirma que a Espanha é em realidade formada por quatro nações com história, geografia, língua e essências próprias.

3.2.2. A Nação Catalã - La Nació Catalana

Há registro de relatos de descontentamento e revolta por parte dos catalães desde 1640, como mostra de um sentimento catalão, durante a Guerra dos Trinta Anos entre as monarquias da Espanha e da França. Os camponeses estavam insatisfeitos com a imposição de alojar e manter tropas reais espanholas na região, considerado pela elite catalã como uma violação dos direitos do Principado. A revolta resultou na declaração de independência da Catalunha, que só voltou ao controle espanhol em 1652. Tão relevante foram essas movimentações, que foram inspiração para o hino da Catalunha. (CARVALHO, 2016)

Em 1716, foram instituídos os Decretos de Nova Planta, o castelhano passou a ser a língua oficial administrativa, unificou o direito público espanhol, pondo fim à Generalitat e assumiu também as aduanas internas entre Castela e Aragão. Segundo Carvalho, esse é o momento que marca a perda de liberdade e a anexação da Catalunha pela Espanha para os nacionalistas catalães. Ele acontece após a queda de Barcelona, em 11 de setembro de 1714, evento que pôs fim à Guerra de Sucessão da Espanha. Para os nacionalistas espanhóis, isso representava o fim de privilégios à região catalã, que passou a receber então o mesmo tratamento que demais territórios espanhóis. Por isso também, o 11 de Setembro de 1714 fica marcado na história da Catalunha como o seu dia nacional. (CARVALHO, 2016)

Em 1766 foi proibida a publicação de livros em outras línguas que não fosse o castelhano. Dois anos depois, 1786, a língua catalã foi oficialmente proibida em escolas públicas, e recomendava o mesmo para as escolas da Igreja católica. Todavia, Abrão (2007) afirma que o catalão continuou sendo uma língua popular viva, e uma língua nacional, e não um dialeto regional.

3.2.2.1. *A Renaiçença, um Movimento Linguístico-Cultural*

A Renaiçença representa um movimento crescente durante o século XIX, o qual visa a recuperação e revitalização da identidade política e cultural diferenciada da Catalunha, e na luta contra a progressiva “castelhanização” da sociedade catalã desde 1714, quando o primeiro levante separatista foi duramente reprimido e derrotado pela monarquia. Para Abrão (2007), esse movimento é de fundamental importância para criar as bases da legitimação da autonomia cultural e política nas décadas subsequentes. O cenário em que se dá a consciência das particularidades estruturais da Catalunha na Espanha, que vinha se formando desde a segunda metade do século XVIII e que se acentua no início do século XIX contempla,

portanto, a industrialização, a transformação social no campo e nas cidades, políticas centralistas, a construção da identidade político-linguístico-cultural da nação. (ABRÃO, 2007; CARVALHO, 2016)

González (1997) acrescenta que a recuperação da língua e de seu prestígio recebeu um forte impulso na Catalunha por conta da Renaixença. Foi um período de popularização do catalão como identidade, com o aparecimento de jornais catalães escritos em catalão e de diversas organizações civis que trabalharam na valorização do idioma (CARVALHO, 2016). O catalão foi reivindicado pela primeira vez para usos literários e culturais, e posteriormente exigiu-se sua plena introdução no campo da educação e nas demais esferas da vida pública. O que começou como um movimento em favor da cultura, língua e tradições indígenas foi gradativamente incorporando demandas de natureza mais expressamente política, dando origem a um vigoroso movimento nacionalista. As aspirações catalãs também foram impulsionadas por um notável progresso na indústria e comércio regional durante a segunda metade do século XIX, em contraste com o que estava acontecendo no interior da Espanha (GONZÁLEZ, 1997; CARVALHO, 2016).

A partir de uma doutrina política e cultural que procura afirmar a identidade da Catalunha, diferenciando-a do resto de Espanha e que, da mesma forma, procura o reconhecimento da sua autonomia política no interior do Estado espanhol, procurando modernizá-lo e (re)fundá-lo em bases democráticas. Os catalães procuram não só o reconhecimento e a preservação da identidade linguístico-cultural da Catalunha, mas também o reconhecimento do seu importante papel na construção da Espanha (ABRÃO, 2007). Carvalho (2016) escreve que “durante esse período, liderado por uma nova geração de autores, aumentou o conteúdo político do movimento, com a criação do catalanismo”.

3.2.2.2. O Catalanismo, Da Criação ao Ressurgimento

Com o crescimento do movimento da Renaixença, no final do século XIX há um sentimento maior de nacionalismo catalão conhecido como catalanismo, o qual buscava, com apoio da burguesia catalã, a consolidação de uma identidade nacional, tendo em vista suas singularidades. No entanto, o movimento foi voltado para o estabelecimento de maior autonomia política e proteção à industrialização regional, no lugar de independência. (CARVALHO, 2016)

Ainda assim, o movimento catalão nesse período carecia de plataformas de propaganda, estratégia política conjuntural e, fundamentalmente, de representatividade. A

primeira definição do catalanismo como movimento nacionalista surge somente em 1878 com o federalista democrático Josep Narcís Roca i Farreras (1834-1891), através de seus artigos publicados na Revista Catalã. É em 1899 que se forma o primeiro grupo político a utilizar a denominação nacional em seu nome: o *Centre Nacional Català* (que, posteriormente, passaria a integrar o partido de direita, *Lliga Regionalista*). O grupo acreditava na necessidade de maior participação política, e trabalharam para disputar as eleições de 1901 para deputados em Barcelona. (ABRÃO, 2007)

A década de 1930 serviu de palco para o surgimento e ascensão da Esquerda Republicana da Catalunha (ERC), partido que conseguiu vitórias importantes sobre os grupos monárquicos e sobre a *Lliga Regionalista*. A recriação da Generalitat em 1931, foi um importante evento neste período. O ápice se deu em 6 de outubro de 1934, quando Lluís Companys, um dos principais líderes da ERC, proclamou a independência com o “Estado catalão da República federal espanhola”. Em resposta, o governo espanhol suspendeu a autonomia catalã e o exército espanhol prendeu Companys e ocupou os edifícios públicos de Barcelona. (ABRÃO, 2007; CARVALHO, 2016)

A polarização ideológica chegou a níveis insustentáveis. Enquanto os franquistas afirmavam que a nação espanhola era a única existente no território espanhol e deveria estar representada por um Estado centralizado, os republicanos defendiam um Estado plurinacional e descentralizado, que permitisse a existência de nações históricas com autonomia política e cultural. Esse foi o plano de fundo da Guerra Civil Espanhola que perdurou entre 1936 e 1939, tirando a vida de cerca de 500.000 pessoas e terminou com o golpe de estado de Francisco Franco, dando início ao período conhecido como Franquismo. (ABRÃO, 2007; CARVALHO, 2016)

Após a vitória de Franco, as liberdades democráticas foram suprimidas em toda Espanha. Na Catalunha, cessaram a Generalitat foi dissolvida e proibiram-se os símbolos locais, como a bandeira e o hino. A educação e os meios de comunicação passaram a utilizar apenas o castelhano e houve pressão até mesmo para que os catalães usassem seus nomes castelhanizados. A submissão política do catalanismo na esfera pública, no entanto, em momento no qual o simples fato de ser catalão levantava suspeitas, auxiliou a fomentar sentimento de solidariedade entre os catalães, que compartilhavam uma situação de perigo e pressão, fortalecendo a distinção entre “nós” e “eles” (os castelhanos). (CARVALHO, 2016)

Pode-se afirmar também que a divisão entre os catalães que aceitaram, se submeteram ou apoiaram o franquismo e os catalães leais à República e ao catalanismo resultou na crise de identidade do pós-guerra que acabaria por revelar a fragilidade da

consciência nacional na Catalunha. Portanto, levando às questões em torno da crise de identidade, a falta de consciência nacional e a necessidade de reconstrução doutrinária do nacionalismo. O processo de manutenção do catalanismo se tornou ainda mais difícil com a grande maioria dos líderes e políticos enviados para o exílio ou campos de concentração. Outros foram baleados pela corte marcial. (ABRÃO, 2007)

A retomada da agenda pró Catalunha foi possível no período que sucedeu a Ditadura Franquista e a retomada da democracia, encabeçada por Jordi Pujol i Soley, que se tornou presidente da Generalitat (restituída em 1977) entre 1980 e 2003. Durante estes anos, a Catalunha viveu um dos fenômenos políticos mais significativos de sua história contemporânea, Pujol realizou um trabalho de reconstrução e reafirmação da identidade nacional catalã, desenvolvendo instituições e políticas para normalizar a língua num trabalho inédito, bem como no campo do ensino catalão. Da mesma forma, criou infraestruturas básicas, uma obra de revitalização da cultura catalã, dos símbolos nacionais e da historiografia, e promoveu a História da Catalunha. Sentiu o grande valor de um clube desportivo no desenvolvimento e preservação da coesão social e nacional. Também promoveu a mídia, como canais de televisão e rádio, bem como jornais e revistas em catalão. Com um comportamento de estadista, pensou no futuro da Europa e da Catalunha na Europa. (ABRÃO, 2007)

3.2.3. Os Plebiscitos

Carvalho (2016) traz pesquisa realizada pela academia e veículos de comunicação realizaram sobre o sentimento de identidade nacional dos catalães, a fim de apurar o grau de compartilhamento das lealdades (ver Tabela 1). É interessante notar o crescimento dos entrevistados que responderam se identificar somente como Catalães, em detrimento dos que se identificam como espanhóis, principalmente após 2010.

Em junho de 2012, a primeira pesquisa de opinião que prognosticava que mais da metade dos eleitores da Catalunha apoiariam a secessão. A pesquisa, realizada por uma instituição ligada ao Governo catalão, informava que 51,1% dos catalães votariam a favor da independência em hipotético plebiscito secessionista. (CARVALHO, 2016)

Tabela 1: Sentimento Identitário na Catalunha

	1996	2006	2010	2012	2013
Somente catalão	11.0%	12%	12%	25.1%	23%
Mais catalão do que espanhol	25.7%	21%	21%	25.8%	20%
Tão espanhol quanto catalão	36.5%	51%	52%	34.5%	45%
Mais espanhol do que catalão	11.5%	6%	5%	5%	5%
Somente espanhol	12.9%	8%	8%	6%	6%
Não sabe	2.4%	---	---	3.5%	---
Fonte	*	**	**	***	*

*Centro de Investigaciones Sociológicas. Estudio 2228, Conciencia Nacional y Regional

**Pesquisa Metroscópia. El País. 1/11/2013

*** Centro de Investigações Sociológicas. Estudio 2970, 30/11/12. "Postelectoral de Cataluña. Elecciones autonómicas 2012

Fonte: Carvalho (2016)

O crescimento do soberanismo catalão causou certa surpresa na Espanha por dois motivos. Primeiro, porque a Catalunha nunca havia gozado de tanta autonomia como nos últimos trezentos anos e imaginava-se que isso satisfaria os movimentos nacionalistas. E segundo, acreditava-se que o processo de integração europeu, promovendo uma nova identidade europeia, contribuiria para mitigar os nacionalismos periféricos. (CARVALHO, 2016)

De acordo com Carvalho, historicamente o nacionalismo catalão fundamentava-se sobretudo na definição da nação como coletividade cultural que compartilha características comuns que a distinguem de outras nações, como a língua, a cultura, a consciência histórica e o sentimento nacionalista. Agora, somava-se ao discurso o fator financeiro, de acordo com o discurso nacionalista catalão, a Espanha, por meio de tributos, drenaria parte excessiva dos recursos da Catalunha. A independência poria fim à “espoliação de Madri” e resolveria grande parte dos problemas dos catalães, que no momento passavam por grave situação econômica. (CARVALHO, 2016)

Em 11 de setembro de 2012, sob o lema “Catalunha, novo Estado da Europa”, centenas de milhares de pessoas percorreram as ruas de Barcelona para pedir a independência catalã. Segundo matéria do G1, publicada no mesmo dia, a polícia estimou que 1,5 milhão de pessoas fizeram parte das manifestações. (CARVALHO, 2016; G1, 2012)

Conforme artigo de Victor de Leonardo Figols, publicado no portal Ludopédio em 3 de dezembro de 2019, em novo plebiscito realizado em 1º de outubro de 2017 pelo governo Catalão, foi divulgada a participação de 2,2 milhões de eleitores, dos quais 90% eram a favor da independência da Catalunha. O governo espanhol não reconheceu o resultado e considerou a votação inconstitucional. Puigdemont, então presidente da Generalitat, chegou a declarar independência no dia 10 de outubro de 2017, mas voltou atrás à espera de diálogo com a Espanha. Até outubro de 2019, 9 dos 12 líderes independentistas foram condenados a até 13 anos de prisão, acusados de rebelião. Puigdemont deixou a Catalunha e se exilou na Bélgica, temendo o mesmo fim.

O crescimento do movimento nacionalista catalão é normalmente atribuído à existência de políticas do governo autônomo, por meio do sistema educacional e dos meios de comunicação. Como já observado, a Catalunha foi governada por um governo nacionalista 23 anos, ao qual se seguiram dois governos socialistas que também adotaram medidas nacionalistas, substituídos novamente por governo nacionalista. No momento, quem preside a Generalitat é Pere Aragonès i Garcia, de forma interina, desde 28 de setembro de 2020.

3.2.4. Contexto Futebolístico

Segundo Bahamonde (2000), o futebol chegou à Espanha nos últimos anos do século XIX, junto com a expansão econômica britânica, pois na América Latina ou onde havia interesses comerciais britânicos, a classe trabalhadora inglesa desembarcou para trabalhar em empresas Inglêss. Assim, o primeiro clube de futebol em território espanhol foi o Recreativo de Huelva, fundado em 1878, cuja origem é atribuída aos trabalhadores ingleses empregados nas minas de cobre do Rio Tinto, de propriedade de uma empresa britânica. O futebol foi aceito pela população local, espalhando-se rapidamente. (BAHAMONDE, 2000)

Vinte anos com uma direção norte a sul foi o que demorou para o futebol atravessar toda a Espanha de Huelva a Bilbao, nessa jornada grande apoio de estrangeiros e nacionais, desta forma em 1898 foi fundado o Athletic de Bilbao, o FC Barcelona em 1899, o RCD Espanhol em 1900, Real Madrid em 1902 e Atlético de Madrid em 1903. (BAHAMONDE, 2000)

A profissionalização do futebol espanhol, 1925, levou à passagem da prática amadora e regional do esporte para um caminho nacional e profissional. Em 1928 foram criadas as estruturas para a competição nacional que começaria a rodar em 10 de fevereiro de 1929, todo o debate que esta nova competição havia gerado foi traduzido em estádios repletos

de torcedores, que enraizaram ainda mais o futebol como elemento da cultura popular. (BAHAMONDE, 2000)

No futebol espanhol, a hegemonia simbólica girou historicamente em torno de Real Madrid Club de Fútbol e o Fútbol Club Barcelona. A rivalidade Real-Barça vai além dos limites da competição esportiva, contando com o terreno das identidades. Real Madrid e FC Barcelona partilham o futebol da Espanha e a mera tentativa de se declarar adepto de um dos clubes expressa, uma intenção explícita por parte de quem a demonstra, um certo grau de adesão a formas de compreendê-lo a prova de identidade nacional e, por extensão, "sentir" a seleção espanhola. (RAMALLAL, 2013)

O sucesso do futebol espanhol a nível internacional esteve presente desde os primórdios da Copa dos Campeões da Europa (hoje reformulada e rebatizada de Liga dos Campeões da Europa), com o Real Madrid sendo campeão das primeiras cinco edições entre 1955-1959. Após nova conquista em 1966, de novo por Real Madrid, a Espanha viveu um hiato de conquistas no primeiro escalão, sendo retomado na década de 1990 com títulos de FC Barcelona em 1992 e dos blancos em 1998. Na década de 2000 e 2010 ambos os clubes obtiveram considerável glória, os catalães triunfaram mais quatro vezes e os madrilenhos mais seis. (RAMALLAL, 2013; BAHAMONDE, 2000)

A Seleção Espanhola de Futebol ganhou grande protagonismo nos anos 2000, quando faturou a Eurocopa de 2008, a Copa do Mundo de 2010 e, novamente, a Eurocopa de 2012, fechando o ciclo campeão e também o auge daquela geração de jogadores. Por falar na geração de jogadores, do time que entrou em campo na final da Copa do Mundo contra a Holanda, sete pertenciam ao FC Barcelona (dos quais seis passaram pelas categorias de base do clube), três ao Real Madrid e um ao Villarreal. (RAMALLAL, 2013)

A região da Catalunha conta atualmente com 15 clubes profissionais de futebol masculino, dentre os quais, apenas FC Barcelona figura na primeira divisão na atual temporada. Já na segunda divisão há o RCD Espanhol e o Girona Futbol Club. Na primeira divisão do futebol feminino disputam FC Barcelona e Espanyol. (RFEF, 2021)

De acordo com a Forbes, em relatório divulgado em Abril de 2021, o FC Barcelona representa a maior potência esportiva e econômica da região, com 72 títulos no âmbito doméstico e avaliado em US\$4,76bi, com receita de US\$792bi. Em comparação, o Real Madrid Club de Fútbol (Real Madrid), seu grande rival e principal representante da coroa espanhola, possui 65 títulos nacionais, é avaliado em US\$4,75bi, e também receita de US\$792Mi. (FORBES, 2021)

4. FUTEBOL, NACIONALISMO E OS POVOS KOSOVAR E CATALÃO

O capítulo final buscará fazer a correlação de todos os três capítulos anteriores, consolidando as informações trazidas durante a pesquisa e, principalmente, analisando a relação entre futebol, nacionalismo e os povos kosovar e catalão. Para tanto, será seccionado em três. No primeiro momento será aprofundada a conexão entre nacionalismo e futebol no Kosovo. Em seguida, o mesmo será feito com a Catalunha. E por último, serão observadas as semelhanças e diferenças entre os dois casos, levando em consideração o momento e a finalidade de cada um.

4.1. MEIO DE RESISTÊNCIA À FERRAMENTA PARA O RECONHECIMENTO INTERNACIONAL, O FUTEBOL NO KOSOVO

Segundo o jornalista Robert O'Connor, em seu livro *Blood and Circuses* (2020), o futebol tem sido parte importante da vida política de Kosovo desde a década de 1980, o jogo era usado como uma ferramenta para unir a resistência albanesa. Na década de 1990 ele foi proibido entre os albaneses, com repercussões graves, muitas vezes violentas, para aqueles que desobedeciam. O futebol tornou-se fortemente politizado e o jogo transformou-se em um ato inflexível de rebelião, uma demonstração de desafio subversivo ao status quo.

De acordo com Brentin e Tregoures (2016), no futebol, os albaneses foram expulsos de clubes, enquanto a federação de futebol do Kosovo, que até então fazia parte da federação iugoslava de futebol, foi suspensa. Toda e qualquer manifestação da sua identidade estava vetada, incluindo através do esporte. Os jogadores de futebol profissionais ou decidiram deixar seus clubes voluntariamente, por falta de perspectiva, ou foram pressionados a fazê-lo pelas autoridades albanesas “fantasma” e pelas autoridades iugoslavas.

Ao mesmo tempo, o que se seguiu foi a criação da primeira liga independente de futebol do Kosovo, iniciativa das autoridades albanesas “fantasma” que decidiram instituir estruturas de governança paralelas. Na nova liga kosovar, os jogadores e seus clubes eram vistos como rebeldes contra as autoridades sérvias. Os jogos e competições eram regularmente reportados à FIFA - Agim Bytyqi liderava a federação de futebol Kosovar paralela. Em 1992, uma “seleção nacional” clandestina de Kosovo chegou a disputar amistosos na Albânia e na Macedônia, assim possibilitando aos kosovares, mesmo que por

alguns momentos, vestirem suas cores e representarem sua terra. (BRETIN & TREGOURES, 2016; O'CONNOR, 2020)

No entanto, o nível de opressão permaneceu palpável para o futebol da região. As equipes da nova competição foram forçadas a deixar seus estádios, por serem instalações pertencentes às autoridades municipais lideradas pelos sérvios, o plano era suprimir todas as expressões de consciência albanesa kosovar. Ao prender jogadores ou membros da federação, as forças policiais iugoslavas interromperam quase todos os jogos “oficiais” disputados, legitimando suas ações como combate a operações secretas para criar um exército embrionário de Kosovo. Ainda assim, milhares de pessoas compareciam regularmente a esses jogos como uma forma de resistência não violenta e clandestina às autoridades do estado iugoslavo para mostrar que os albaneses ainda podiam viver e criar espaços de normalidade social, apesar do sistema de apartheid existente. (BRETIN & TREGOURES, 2016; O'CONNOR, 2020)

4.1.1. Diplomacia Através do Esporte

Nos Jogos Olímpicos de 2012 em Londres, a judoca kosovar campeã mundial em 2014, Majlinda Kelmendi, representou a Albânia, embora tenha nascido e crescido em Kosovo. Na época, o Comitê Olímpico Internacional (COI) ainda não havia reconhecido Kosovo como membro pleno. Quando questionado sobre o que seria diferente nos Jogos Olímpicos de Verão de 2016 no Rio de Janeiro, Kelmendi respondeu: “Da última vez, eu estava lá, mas não pude levar minha bandeira, meu hino. Desta vez, sinto-me feliz porque serei como qualquer outro atleta do mundo.” (BRETIN & TREGOURES, 2016)

A declaração destacou e simbolizou fortemente o peso que as competições desportivas internacionais e o desporto representativo são frequentemente atribuídos, corroborando o pensamento de Hobsbawm (1990) acerca da importância dos símbolos nacionais, a bandeira nacional, o hino nacional e o emblema nacional, refletindo todo o contexto, pensamento e cultura de uma nação.

No caso do Kosovo, o esporte pode desempenhar um papel muito particular e cada vez mais significativo para os esforços diplomáticos de Estados jovens e contestados em direção ao pleno reconhecimento internacional. (BRETIN; TREGOURES, 2016) Dentro disso, os uniformes esportivos e, principalmente, as camisas de futebol podem ser vistas como depositárias de significados sociais e culturais e, como a bandeira, refletem o caráter da nação. O esporte é frequentemente associado a bandeiras e hinos, pois eles identificam a

equipe e mostram apoio a ela, incentivando os apoiadores a indicar sua lealdade. (MCGUINNESS, 2020) Portanto, no contexto kosovar ostentar tais símbolos em eventos esportivos ao lado de outros Estados-nações pode conferir significado duplo. O primeiro mais externo, de estar entre seus pares e se colocar também como um Estado-nação genuíno, imbuindo essa sensação nos demais países. E segundo mais interno, reforçando o sentimento de nacionalismo e unidade, legitimando os esforços na busca desse ideal.

Cientes disso, as elites políticas kosovares conscientemente mudaram seu foco diplomático para o esporte representativo, bem como para outros atores diplomáticos não-estatais, no período pós-independência. (BRETIN & TREGOURES, 2016)

Finalmente, em 2013, após anos de conversas infrutíferas entre a FIFA e as federações de futebol do Kosovo e da Sérvia, a FIFA decidiu passo a passo permitir que a seleção nacional de Kosovo e os clubes individuais disputassem jogos amistosos contra membros da FIFA. Antes só podia jogar partidas não oficiais contra “nações” ou times não reconhecidos, como o Norte de Chipre. O primeiro amistoso oficial foi contra o Haiti em março de 2014, com a condição de que não fossem permitidos hinos e bandeiras. (MCGUINNESS, 2020; BRETIN & TREGOURES, 2016)

O jogo era algo pelo qual a diplomacia esportiva Kosovar havia se empenhado "por muito tempo". Obviamente, o jogo acabou sendo mais sobre política e simbolismo do que sobre o futebol em si. Repórteres de todo o mundo vieram cobrir este momento histórico em que Kosovo pôde finalmente dizer ao mundo que existia de verdade entre a comunidade das nações, com a bandeira da FIFA como prova. (BRETIN & TREGOURES, 2016)

4.1.2. Seleção Nacional, Copas e Torcida

Em termos liberais-construtivistas, o futebol e outros esportes podem ser campos simbólicos significativos de conflito, para a reativação de memórias de guerra e a divulgação de reivindicações contestadas sobre soberania e autonomia. Alguns municípios têm instalações esportivas que comemoram simbolicamente os mortos na guerra em lados específicos. Por exemplo, o Estádio Olímpico de Mitrovica leva o nome de um ‘Herói de Kosovo’, Adem Jashari, uma figura fundadora do Exército de Libertação de Kosovo, que foi morto junto com 57 parentes por forças sérvias em 1998. (GIULIANOTTI et al, 2016)

A atual Federação de Futebol do Kosovo aprovou seus Estatutos em 12 de abril de 2008 e enfatizou que é neutra em questões políticas e religiosas (Artigo 1.2; Artigo 3.2) as línguas usadas são albanês e sérvio, mas onde há divergências em a interpretação do texto a

autoridade é a língua albanesa (Artigo 2.4). O selo do FFK incorpora a cor azul da bandeira e as seis estrelas que representam os principais grupos étnicos, conforme apresentado no Anexo 1. Isso significa adotar a ideia de um Kosovo multi-étnico, reproduzindo a imagem ocidental que lhe foi colocada e fugindo do seu berço nacionalista albanês, onde a cor predominante é o vermelho e há a águia negra de duas cabeças. (MCGUINNESS, 2020)

Em junho de 2016, Kosovo jogou sua primeira partida oficial contra as Ilhas Faroas. A seleção de jogadores teve 15 jogadores utilizados, sete deles reconhecidos pela primeira vez nesta partida, enquanto outros oito foram internacionalizados em jogos anteriores. Todos os jogadores seguiram o mesmo padrão de fundo, ou seja, todos eram descendentes de albaneses kosovares, mas a maioria nasceu fora de Kosovo (Alemanha três, Suécia um, Suíça um) e apenas um foi criado em Kosovo (Alemanha quatro, Noruega dois, Suíça um). A maioria representou outros países em vários níveis de idade, incluindo um que recebeu um limite máximo para a Albânia. O afastamento recente da seleção o tornou elegível para mudar de nacionalidade. A seleção poderia ter sido mais ampla, mas vários internacionais estabelecidos nas diásporas recusaram a oportunidade de representar Kosovo. Entre eles, Lorik Cana (ex-jogador do Sunderland) pela Albânia; Granit Xhaka (Arsenal), Xherdan Shaqiri (Liverpool) e Valon Behrami (Watford) pela Suíça; Adnan Januzaj (Real Sociedad) pela Bélgica; e Shkodran Mustafi (Arsenal) pela Alemanha. Todos, exceto Mustafi, foram posteriormente nomeados Embaixadores Honorários do Kosovo em 2014 e 2015. (MCGUINNESS, 2020)

As forças externas continuam a ser cruéis para o Kosovo. Antes da primeira partida pelas eliminatórias para a Copa do Mundo contra a Croácia, em setembro de 2016, meia dúzia de jogadores só foram liberados pela FIFA algumas horas antes do início do jogo, pois já haviam representado outros países, principalmente a Albânia. (O'CONNOR, 2020)

Kosovo perdeu a partida por 6-0, a equipe mostrou momentos de promessa na partida desta noite, mas nunca pareceu ser o suficiente. O adversário, a Croácia, conquistou sua própria independência no mesmo momento em que as lutas de Kosovo estavam apenas começando, e agora há duas décadas competindo no topo do futebol internacional. (O'CONNOR, 2020)

Por outro lado, Kosovo perdeu uma geração de jogadores durante seu tempo lutando por reconhecimento dentro do futebol. Assim, enquanto o atacante da Croácia Mario Mandžukić ajudava com um "hat-trick" no primeiro tempo em Shkodër, a seleção kosovar não podia contar com estrelas como Xherdan Shaqiri e Granit Xhaka, que poderiam estar

defendendo Kosovo, caso não tivessem escolhido jogar pela seleção suíça. (O'CONNOR, 2020)

Ao final das dez partidas disputadas pelas eliminatórias para a Copa do Mundo de 2018, a seleção de Kosovo se encontrava em último lugar, somando apenas um ponto e não conseguindo sua passagem para a Rússia. No entanto, não deixou de ser representada.

O jogo entre Suíça e Sérvia, válido pela segunda rodada do grupo E, contou com gols de Granit Xhaka e Xherdan Shaqiri para, de virada, levar a Suíça à vitória. E na comemoração dos gols, ambos fizeram o símbolo da bandeira da Albânia, a águia negra de duas cabeças, em clara referência às suas origens albanesas do Kosovo. Segundo matéria do Globoesporte.com, publicada em 22 de junho de 2018, Xhaka nasceu na Basileia e é filho de pais kosovares, enquanto Shaqiri é mesmo do Kosovo, assim como o volante Behrami (outro jogador presente na partida), e se naturalizou suíço para jogar pela seleção. Inclusive, o pai de Xhaka já foi preso político da Iugoslávia por três anos e meio após participar de manifestações contra o governo sérvio em Belgrado, capital da Sérvia, em 1986. Os albaneses (da Suíça) personificaram a luta do seu povo e a retrataram para o mundo inteiro, conquistando seu espaço em cima daqueles que tentam lhes oprimir.

Esse elemento colocou ainda tensão para a partida contra a Sérvia em Kaliningrado. Tanto que o atacante Mitrovic chegou a questionar por que Shaqiri, Xhaka e Behrami não defendem a seleção do Kosovo. Xhaka chegou a responder à provocação em carta aberta dizendo que a Fifa havia avisado que ao jogarem pela Suíça na Euro de 2016 teriam perdido o direito de fazer a mudança. O meia ainda garantiu que vai seguir tentando defender a seleção kosovar no futuro. (GLOBOESPORTE.COM, 2018)

Outro evento, mais extremo, ocorreu em partida válida pelas eliminatórias da Euro 2016, Sérvia-Albânia, em Belgrado, em outubro de 2014. Vários incidentes de desordem ocorreram antes e no início do jogo, incluindo torcedores locais queimando a bandeira da OTAN e jogando mísseis no campo. À medida que o intervalo se aproximava, um pequeno drone carregando uma bandeira da Grande Albânia com as palavras "*Autochthonous*", fazendo referência a autonomia do país, e as imagens de dois heróis nacionais albaneses, foi direcionado para o estádio e deslizou sobre o campo. Um jogador sérvio puxou o drone para arrancar a bandeira, o que culminou com ambos os grupos de jogadores se envolvendo em uma briga por cima do artefato, levando a uma invasão do campo pelos torcedores e o abandono da partida. A UEFA atribuiu o jogo como uma vitória por abandono à Sérvia, com um resultado de 3-0, mas a decisão foi posteriormente revertida pelo Tribunal de Arbitragem

do Desporto, que concedeu o jogo à Albânia pelo mesmo resultado. (GIULIANOTTI et al, 2016)

Na Liga das Nações a seleção de Kosovo fez ótima campanha e subiu de divisão no torneio, ganhando todos os compromissos em casa e não perdendo nenhum jogo. Na reportagem publicada no portal Trivela, pelo jornalista Leandro Stein, em 20 de novembro de 2018, é destacada a participação da população na campanha, abraçando sua seleção e, acima de tudo, se sentindo representada por ela. Um exemplo disso foi a partida contra o Azerbaijão, os ingressos acabaram em apenas 32 minutos após abertura das vendas. Stein ainda cita “um país que sofreu com as mazelas da guerra e ainda encara algumas consequências do conflito por sua independência... o acesso não deixa de ser um grito de orgulho ao resto do continente.” (TRIVELA, 2018)

A campanha na Liga das Nações ainda rendeu o direito de disputar a repescagem para uma vaga na Eurocopa, dando a possibilidade de Kosovo estar entre as 24 principais “nações” do futebol europeu. O técnico da seleção, Bernard Challandes, enfatiza o que o futebol representa para a população ao comentar sobre a procura de ingressos para os jogos:

“Sempre temos 100.000 ou mais que querem ingressos para os jogos em casa. As pessoas vêm da Suíça, vêm para Pristina e tentam comprar um ingresso no mercado negro. E, se não conseguirem, vão assistir ao jogo em um restaurante na televisão. Esses jogadores estão com fome, suas famílias estão atrás deles, todo o país está atrás deles e eles sentem isso.” (CHALLANDES, 2020)

Apesar de todo o apoio da torcida e empolgação dos jogadores, a caminhada rumo à Eurocopa de 2020 (adiada para 2021 devido a pandemia de coronavírus) foi interrompida após derrota para Macedônia, por 2 a 1, no dia 8 de outubro de 2020.

Até a data da última revisão deste trabalho, a FFK está pleiteando uma vaga para a Copa do Mundo de 2022. No entanto, perdeu os dois jogos que disputou, sendo um deles contra a Espanha, que não reconhece a independência de Kosovo. A federação de futebol espanhola, ao anunciar o compromisso, referiu-se ao Kosovo como “território” e não como país, marcando assim a diferença dos outros adversários, como conta o jornalista Juan Manuel Lopez, em reportagem publicada no portal Goal em 31 de março de 2021. A resposta da federação Kosovar de futebol não demorou muito a chegar, através de um duro comunicado que até ameaçava suspender a partida. (GOAL, 2021)

A tensão diplomática foi "forçada" a desaparecer por 90 minutos. De fato, haverá uma imagem histórica: pela primeira vez, num grande evento internacional, a Espanha dará autorização para que soe o hino kosovar e para que a sua bandeira seja hasteada em solo

espanhol. O futebol tem cumprido, e muito bem, o papel que lhe foi atribuído de unir os kosovares sob seus (novos) símbolos nacionais e levá-los aos quatro cantos do mundo.

Kosovo é principalmente um estudo de reflexão, pois, como a política e a sociedade mais amplas, o sistema esportivo abriga conflitos sobre a independência nacional, lutas por reconhecimento internacional, identidades e símbolos nacionais conflitantes ou concorrentes. A exacerbação das tensões é mais evidenciada em pontos de conflito nacionalistas em eventos esportivos competitivos. A melhoria ocorre de forma mais ampla quando o esporte permite o contato não violento entre as diferentes comunidades e as formas de integração social entre elas. (GIULIANOTTI et al, 2016)

Uma outra questão diz respeito a saber se Kosovo aponta para tendências discerníveis na relação entre o esporte e a política regional. Um argumento aqui é que, apesar dos momentos críticos, o esporte proporciona a potencial normalização das relações nos Balcãs, trazendo os estados pós-conflito para um importante espaço de contato dentro da sociedade internacional. Além disso, o esporte tem sido um campo fundamental para a promoção do reconhecimento de Kosovo pela sociedade internacional, incluindo a Sérvia e seus aliados. Esse reconhecimento é fundamental para uma maior estabilização e integração mais ampla dos Balcãs Ocidentais, nomeadamente para qualquer futura adesão da Sérvia à UE e, muito provavelmente, do Kosovo. (GIULIANOTTI et al, 2016)

4.2. FC BARCELONA, *MÉS QUE UN CLUB*

Nesta secção, a pesquisa terá maior foco nos eventos e na relação do FC Barcelona com o movimento nacionalista catalão, devido a dimensão que o clube possui no cenário internacional e também na maior disponibilidade de bibliografia acerca do tema.

O futebol emergiu como um esporte à medida que a Catalunha estava abraçando símbolos de identidade nacional. O FC Barcelona rapidamente se tornou um desses símbolos. No início do século XX, o FC Barcelona já representava (como afirma seu próprio slogan) '*més que um club*', não apenas como um símbolo da Catalunha, mas também em sua visão internacional - abrangendo jogadores de fora da Espanha - e na oposição para os rivais locais Espanyol, bem como, é claro, os de Madrid. No âmbito local, isso fica muito evidente pela participação e construção da comunidade junto ao clube. No auge da moda do anarquismo dos anos 1930, o Barça se tornou um coletivo de trabalhadores, um legado que continua. Os detentores de ingressos para a temporada ainda votam na administração do clube e com

debates presidenciais transmitidos ao vivo pela televisão. (CROLLEY; HAND, 2006; FOER, 2008)

Jordi Pujol também destacou a importância do clube de futebol catalão - o Barcelona - popularmente conhecido como "Barça" - na promoção do sentimento catalão e da coesão social. Neste sentido, afirma que: "Acredito, por exemplo, que um Barça desportivamente triunfante, socialmente forte e trazido por pessoas com intenção seria o facto positivo face à integração de imigrantes que podemos ter. E especialmente neste momento, o Barça pode ajudar a dar força e intencionalidade ao sentimento catalão, a um nível popular, e não pouco ou muito elitista como ainda é". (ABRÃO, 2007)

As tentativas de organizar o futebol na Catalunha realmente começaram com a fundação do *Associació de Clubs de Futbol de Barcelona* em 1900, em um momento chave da urbanização de Barcelona. Mais tarde, criou-se a *Federació Catalana de Futbol* em 1916. A *Selecció Catalana* também foi fundada em 1900 e tem jogado muitas vezes no último século. Em seus primeiros anos, a Seleção Catalã jogou principalmente contra seleções bascas ou francesas. (CROLLEY; HAND, 2006)

Após a Guerra Civil Espanhola, o *Catalan Selecció* jogou com o nome de Barcelona Selecció (entre 1941 e 1958). Depois disso, os catalães jogaram apenas duas vezes entre 1960 e 1993 (em 1968 e 1976). Durante o período ditatorial de Franco, o regime suprimiu qualquer manifestação pública de oposição ao centralismo, sem surpresa, o futebol na Catalunha não foi exceção e Franco apelou às autoridades estaduais para administrar clubes de futebol. (CROLLEY; HAND, 2006)

De acordo com o folclore da instituição, o FC Barcelona foi o centro heróico da resistência à ditadura militar de Franco. O Camp Nou, estádio do clube, proporcionou aos catalães um lugar para gritar e berrar contra o regime em seu vernáculo banido. Manuel Vázquez Montalbán, um dos grandes escritores contemporâneos da Espanha, descreve o clube como "a arma épica de um país sem estado...". As vitórias de *El Barça* são como as de Atenas sobre Esparta. (FOER, 2008)

4.2.1. Instrumento de Poder e de Oposição

Desde os primeiros anos do franquismo, o futebol rapidamente se tornou uma válvula de escape para as tensões sociais, uma forma de canalizá-las para uma direção menos conflituosa. A conexão da Espanha com as nações do Eixo durante a Segunda Guerra Mundial deixou o país isolado no cenário internacional na década de 1940, e o futebol era

praticamente a única ferramenta que restou para a comunicação internacional. Durante o isolamento político da Espanha, os simples atos de organizar jogos internacionais de futebol tornaram-se triunfos que a máquina de propaganda de Franco ampliou para representar a vitória sobre as restrições diplomáticas estrangeiras. Como resultado, o contato internacional de times de futebol espanhóis durante esse período foi limitado principalmente a jogos contra "países amistosos", como Portugal, Alemanha e Itália. (SIMÓN, 2018)

Devido ao seu papel simbólico, o Barça enfrentou, inevitavelmente, forte repressão. E para Franco, isso tinha um sabor especial, uma vez que ele era torcedor fervoroso do Real Madrid. No início da revolta de três anos de Franco, gendarmes fascistas prenderam e depois executaram o presidente do Barça, Josep Sunyol. (FOER, 2008)

Quando as tropas de Franco deram um empurrão final para conquistar a turbulenta Catalunha, eles bombardearam o prédio que continha os troféus do clube. Depois de demolir o hardware do clube, os franquistas decidiram despojá-lo de sua identidade. O regime insistiu em mudar “*Football Club Barcelona*” para “*Club de Football Barcelona*” - não um pequeno ponto estético, mas a tradução do nome do time para o espanhol castelhano. Também insistiu em remover a bandeira catalã do brasão da equipe a partir do ano de 1941, conforme mostrado no Anexo 2. E estes foram apenas os primeiros alvos de Franco. Para supervisionar a transformação ideológica do clube, o regime instalou um novo presidente. (FOER, 2008)

Dadas as políticas de 'castelhanização' de Franco em todas as regiões da Espanha e o desmantelamento de quase todas as organizações culturais regionais, é curioso que times de futebol com conexões regionais tão fortes - como FC Barcelona e Athletic Bilbao - tenham sido autorizadas a continuar funcionando. Franco via o futebol como um meio possível de apaziguar e distrair os dissidentes, um ópio das massas. O regime achava que as pessoas teriam menos probabilidade de se revoltar se fossem incentivadas a concentrar suas energias no futebol em vez da política. (SHOBE, 2008)

O efeito foi o contrário, o FC Barcelona tornou-se um dos principais veículos do nacionalismo catalão. Seu estádio se tornou um local de resistência seguro, onde os nacionalistas catalães podiam expressar livremente suas crenças. A bandeira da independência catalã, *la Estelada* (Anexo 4), está presente no estádio do FC Barcelona há décadas. Isso pode ser interpretado como um paradoxo - repressão e triunfo. Foer (2008) traz o questionamento: "É possível fazer uma revolução no futebol no domingo?" Para o Barça, este assunto é especialmente desconfortável. Seus torcedores gostam de se gabar de que seu estádio lhes deu um espaço para expressar sua indignação contra o regime. Encorajados por 100.000 pessoas cantando em uníssono, segurança em números, os fãs aproveitaram a oportunidade para gritar

coisas que nunca poderiam ser ditas, mesmo furtivamente, na rua ou no café. (ORTEGA, 2016; FOER, 2008)

Durante a transição para a democracia liberal no período pós-Franco, o nacionalismo catalão ressurgiu, tendo o futebol como um dos catalisadores da identidade catalã. O FC Barcelona começou a usar a língua catalã em seus negócios. Em 1972, os jogos de futebol foram transmitidos em catalão pela Rádio Barcelona, o que foi mais um passo importante para o programa de normalização linguística catalão. O futebol foi um dos primeiros aspectos da cultura catalã que pressionou pela sua democratização e devolução. (CROLLEY; HAND, 2006)

O FC Barcelona tornou público em 1977 o seu apoio à introdução dos Estatutos de Autonomia da Catalunha. Outro exemplo vem dos próprios fãs. A cobertura do *El País* das vitórias do FC Barcelona é geralmente celebrada referindo-se à vitória da equipe em nome da Catalunha. Isso se torna mais explícito quanto mais importante for a ocasião: por exemplo, quando ganharam a Taça das Taças em 1979. "Os adeptos do Barcelona começaram a mostrar novamente o seu extremo catalanismo. (CROLLEY; HAND, 2006)

4.2.2. A Rivalidade com o Real Madrid

Rivalidades esportivas muitas vezes parecem facilitar a construção de identidades de equipe em termos de oposição. FC Barcelona e Real Madrid são exemplos dramáticos disso. No entanto, o começo dessa relação foi muito diferente daquilo que veio a se tornar. (SHOBE, 2008)

Durante a guerra civil, os dirigentes do Real Madrid se opuseram em grande parte a Franco e, em uma estranha nota histórica, o clube pediu para jogar o campeonato catalão. Durante a República da década de 1930, o Real Madrid abandonou o "Real" de seu nome e abriu mão do uso da Coroa Espanhola em seu escudo, como mostrado no Anexo 3. Em 1939, no entanto, a diretoria do clube foi substituída pelos representantes de Franco, que reclamaram o "Real" em nome do clube. A natureza política da rivalidade entre o FC Barcelona e o Real Madrid ardeu ao longo da década de 1940 e tornou-se cada vez mais intensa na década de 1950, quando Franco usou o futebol como ferramenta política. Franco procurou demonstrar o poder de seu controle centralizado por meio do apoio e de sua associação com o Real Madrid. (SHOBE, 2008)

Para muitos na Catalunha, o Real Madrid ficou conhecido como o time do ditador, e para alguns era sinônimo de seu regime. Cada vez mais, as ocorrências em campo eram vistas

através das lentes do conflito político. Um bom exemplo de como essa mentalidade se desenvolveu ocorreu em junho de 1943, no jogo de volta de uma rodada de eliminação da Copa da Espanha, na época rebatizada por Franco como Copa do Generalíssimo. O FC Barcelona venceu o primeiro jogo da rodada por 3-0. Momentos antes do início do jogo, o diretor de segurança do estado entrou no vestiário do Barça, ele lembrou aos jogadores que muitos deles tinham acabado de retornar à Espanha do exílio durante a guerra, graças a uma anistia que justificava sua fuga. Naqueles anos repletos de recriminações, a dica não foi difícil de aceitar. O Barça perdeu a partida por 11-1, uma das derrotas mais desequilibradas da história da equipe. Para alguns catalanistas, este jogo teve implicações mais profundas do que o esporte. Aqui, novamente, a ação em campo relacionada a uma compreensão em escala muito maior de "nós" versus "eles", em que clube de futebol e nação estão combinados. (SHOBE, 2008; FOER, 2008)

Outro exemplo envolve a reportagem de um confronto FC Barcelona - Real Madrid em 20 de novembro de 2004, um mosaico ao redor do Camp Nou pronunciava "*Ja som 125.000*" (agora somos 125.000 de nós", em catalão), enquanto uma faixa proclamava "Não somos Espanha" (em inglês, os catalães claramente se distanciando da Espanha e se dirigindo a um público internacional). (CROLLEY; HAND, 2006)

O "*El Clásico*" é o palco perfeito para manifestações e os números deixam isso claro. Segundo El País, a partida entre duas das equipes é um evento que reúne milhões de pessoas em frente à tela da televisão. O número já atingiu uma audiência de cerca de 650 milhões de telespectadores em 180 países, mesmo acima do Super Bowl e das finais da Liga dos Campeões. (EL PAÍS, 2019)

4.2.3. O Desejo Separatista

Os sucessos da seleção nacional e dos clubes de futebol, bem como do esporte espanhol em geral, serviram de amortecedor às tensões de um país que, desde o segundo mandato de Zapatero (2008-2011), mergulhava em uma profunda crise econômica. O governo não hesitou em vincular-se diretamente aos sucessos do esporte espanhol. (SIMÓN, 2018)

O processo de "desportivismo" vivido pelos meios de comunicação desde a primeira década do século XXI favoreceu o reforço das noções de identidade associadas ao estado-nação. Os comentaristas nacionalistas catalães também politizam a seleção nacional de futebol em prol da causa separatista. Para eles, La Roja atua como a ferramenta suprema do nacionalismo espanhol, disfarçando as diferenças econômicas e culturais que atuam no tecido

social. Consequentemente, contribui para subordinar o catalão ao espanhol. O nacionalismo espanhol está utilizando atletas catalães (como o jogador de basquete Pau Gasol ou o tenista Rafael Nadal) e La Roja para nacionalizar os catalães como espanhóis. As pessoas são invariavelmente submetidas a uma lavagem cerebral pela mídia espanhola para que tenham um sentimento de pertencer à unidade social, econômica e política mono-semântica da Espanha. (SIMÓN, 2018; ORTEGA, 2016)

O ex-diretor de comunicações do FC Barcelona Jordi Badia afirma que, embora, de acordo com as pesquisas, a maioria dos catalães queira ser independente da Espanha, há um fator que explica a popularidade da seleção espanhola na Catalunha: o estilo de jogo pertence ao FC Barcelona. Por outras palavras, enquanto o FC Barcelona se desnacionalizou progressivamente, a equipa espanhola tornou-se mais parecida com o FC Barcelona. Em suma, o FC Barcelona conseguiu ‘catalanizar’ a Espanha. A secretária-geral do partido pró-independência ERC, Marta Rovira, afirma que a seleção catalã também teria vencido o campeonato europeu de 2012 dada a presença destacada de jogadores catalães na seleção espanhola, acrescentando também que esta última não representa seu partido e eleitores. (ORTEGA, 2016)

Nos últimos anos, o apoio a um estado independente aumentou em alguns setores da sociedade catalã. Ao mesmo tempo, as vitórias da seleção espanhola entre 2008 e 2012 mostraram um fenômeno interessante que afeta a diversidade de identidades que coexistem na sociedade catalã hoje. A mídia internacional afirma que a seleção espanhola de futebol mostrou o caminho às regiões. Xavi, um jogador catalão, é ‘ao mesmo tempo regional, nacional e internacional’. Quando ele agitou a bandeira catalã correndo pelo campo após o triunfo da Copa do Mundo de 2010, ele estava agindo como um orgulhoso catalão inserido na constituição plural da Espanha contemporânea. É particularmente significativo que Xavi (um capitão catalão e do FC Barcelona) e Iker Casillas (um madrilenho e capitão do Real Madrid) tenham recebido o prêmio Príncipe de Astúrias em 2012. A mensagem parece ser clara: juntos, catalães e madrilenos formam um todo melhor, substituindo não apenas a rivalidade acirrada entre o FC Barcelona e o Real Madrid, mas também a fragmentação da Espanha em partes menores. A tentativa de amenizar as feridas abertas entre o nacionalismo espanhol contemporâneo e o nacionalismo catalão por meio das duas figuras mais representativas da seleção espanhola de futebol parece nada mais que uma intervenção cosmética em um panorama social altamente conflituoso. (SIMÓN, 2018; ORTEGA, 2016)

Simultaneamente, o nacionalismo catalão utiliza o FC Barcelona para dar visibilidade mundial às suas reivindicações separatistas. No derby de junho de 2012, entre o

Real Madrid e o FC Barcelona em Camp Nou, a diretoria do clube catalão decidiu criar um grande mosaico composto por 98.000 cartolinas que circundava todo o Camp Nou com uma grande *senyera* (bandeira catalã), mostrando a inscrição “Barça”. Da mesma forma, durante o aquecimento, foi pendurada uma faixa em inglês com o slogan “Catalunha, o novo Estado da Europa”. A multidão acenou para o *La Estelada* e gritou pela independência da Catalunha exatamente aos 17min e 14s após o início da partida, um momento simbólico escolhido para honrar o dia nacional catalão de 11 de setembro de 1714. (SIMÓN, 2018; ORTEGA, 2016)

A celebração da consulta popular não reconhecida pelo governo no dia 1º de outubro de 2017, mais uma vez mostrou o papel desempenhado pelo futebol na construção da identidade neste país. Pep Guardiola (ex-treinador do FC Barcelona) e Gerard Piqué (jogador do FC Barcelona e da seleção espanhola) estiveram muito ativamente envolvidos na campanha a favor da consulta. Ambos se posicionaram publicamente em favor da democracia e do direito dos catalães escolherem seu futuro. (SIMÓN, 2018)

O FC Barcelona também se posicionou a favor do referendo e do direito da Catalunha de decidir:

Na esteira dos acontecimentos ocorridos nos últimos dias e, especialmente, hoje, no que diz respeito à atual situação política na Catalunha, o FC Barcelona, em se manter fiel ao seu compromisso histórico com a defesa da nação, com a democracia, com a liberdade de expressão, e à autodeterminação, condena qualquer ato que possa impedir o livre exercício desses direitos. (FC BARCELONA, 2017)

Segundo reportagem do Globoesporte.com, no dia 1º de outubro, dia da consulta popular, o FC Barcelona solicitou junto a Liga Espanhola para adiar a partida que teria do campeonato espanhol, em solidariedade às vítimas da repressão policial contra o referendo sobre a independência da região. O clube não conseguiu o adiamento e o jogo foi realizado com portões fechados. (GLOBOESPORTE.COM, 2017)

Em 27 de outubro de 2017, o clube catalão, recentemente promovido à primeira divisão, Girona FC, venceu inesperadamente o Real Madrid CF por 2-1 em seu próprio estádio. Apenas um dia antes, o Parlamento da Catalunha havia feito a chamada Declaração Unilateral de Independência (DUI), e imediatamente após, o Governo iniciou a ativação do artigo 155 da Constituição espanhola, que lhes permitiu assumir o controle da Generalitat. No domingo, 29 de outubro às onze horas da manhã, Carles Puigdemont, recentemente demitido do cargo de presidente da Generalitat, escreveu em sua conta pessoal do Twitter : “A vitória de @GironaFC sobre um grande time do mundo é um exemplo e uma referência para muitas situações”. (SIMÓN, 2018; PUIGDEMONT, 2017)

Em 18 de dezembro de 2019, um novo episódio em clássico entre FC Barcelona e Real Madrid, cartazes com os dizeres “Espanha, sente-se e fale” distribuídos pelo grupo manifestante Tsunami Democràtic, que imprimiu cerca de 100 mil exemplares, inundaram os arredores do estádio e as arquibancadas do Camp Nou, de acordo com matéria da Folha de São Paulo. A partida deveria ter sido realizada em 26 de outubro do mesmo ano, mas foi adiada devido às manifestações que tomaram conta da Catalunha, após a condenação de nove líderes separatistas a até 13 anos de prisão. Segundo (FOLHA DE SÃO PAULO, 2019)

Segundo reportagem do El País, no minuto 56, o jogo teve de ser interrompido por alguns minutos, enquanto muitos fãs gritavam “Llibertat!” e atiravam bolas amarelas ao campo. Do lado de fora do estádio, confrontos entre a polícia e manifestantes foram registrados, terminando com nove pessoas detidas e outras mais de 40 necessitando de atendimento médico. (EL PAÍS, 2019)

A fundação do FC Barcelona ocorreu junto com a formação do nacionalismo catalão moderno e se envolveu profundamente em seu processo. Desde os primeiros anos, através das duas ditaduras na Espanha do século XX, o FC Barcelona foi chamado para representar a Catalunha e foi utilizado na construção social das identidades nacionais catalãs. Além do simbolismo, o clube funcionou como um veículo para a expressão da identidade coletiva catalã em uma época em que muitas expressões da identidade catalã eram proibidas. Em sua história mais recente, o Barça tem servido como peça fundamental para atrair a atenção da comunidade internacional.

Sobre os movimentos nacionalistas e a situação atual, de acordo com o *Centre d'Etudis d'Opinió*, na pesquisa realizada entre os dias 25 de novembro e 7 de dezembro de 2020, 35% do entrevistados acreditam que a Catalunha deveria ser um Estado independente, enquanto outros 60% acreditam que a Catalunha deveria fazer parte da Espanha, seja como um Estado dentro de uma Espanha federal (27,8%), uma comunidade autônoma (27,4%), ou até mesmo apenas uma região (5,5%). O dado mais interessante deste relatório se refere ao desejo dos catalães de converterem a Catalunha em um Estado independente, onde 45,1% respondeu que sim, contra 49,9% responderam que não e outros 5% que não sabiam ou não opinaram. Os catalães seguem divididos acerca do separatismo e, de certa forma, a respeito da própria finalidade do movimento catalão.

4.3. ANÁLISE, KOSOVO E CATALUNHA

Esta seção capítulo é dedicada para a análise dos objetos de estudo para com a bibliografia supracitada, com a finalidade de estabelecer relação direta com as hipóteses adotadas para essa pesquisa. Para tanto, no primeiro momento há de se observar como o futebol atua como instrumento de manutenção e promoção do sentimento nacional, a hipótese primária. Por fim, examinar a hipótese secundária, o elo entre as origens dos movimentos nacionalistas e seus respectivos povos através do exercício constante de seus símbolos nacionais.

4.3.1. Nacionalismo, Construção Social

Tanto para o Kosovo, como para a Catalunha, o futebol tem cumprindo um papel de grande importância na história de seus movimentos nacionalistas, antes mesmo da expansão comercial do esporte no final da década de 1990 e 2000. Em ambos os casos é notória a utilização do futebol como palco para agendas nacionalistas, e aqui cabe destacar dois pontos. Primeiro, no âmbito interno, como construção da identidade nacional, resistência e local de luta. E segundo, para diplomacia e divulgação da causa, no âmbito internacional.

Observando o primeiro ponto, como Hobsbawm (1990) explica, contextos sociais inteiramente novos ou muito transformados exigem novos instrumentos que asseguram ou expressam identidade e coesão social. Aqui o autor se referia a reposição da igreja pelas ideias nacionalistas, mas é possível utilizar esse conceito para entender o papel que o futebol vem ocupando para a construção da identidade nacional de Kosovo e Catalunha. No contexto kosovar, a utilização do futebol como ferramenta político-social fica mais evidente a partir da década de 1980, sua prática proibida para os de origem albanesa e, portanto, se tornando uma reafirmação da sua identidade, um objeto de luta e meio de confraternizar com seus iguais, como exemplificado por Brentin e Tregoures (2016). Para além disso, sua prática sendo parte da rotina, principalmente sendo um ato considerado rebelde, demonstra a participação emocional essencial para a construção do sentimento nacional, como tratado por Finnemore (1996) e Depetris-Chauvin, Durante e Campante (2020). Tudo isso em um momento em que a busca por independência se torna fundamental para os kosovares.

Para a Catalunha, essa movimentação em torno do futebol começa muito mais cedo, no final da década de 1930 com a ditadura de Franco, principalmente como elemento resistência. No entanto, diferente de Kosovo, entre os nacionalistas catalães sempre houve quem buscasse a independência completa e quem buscasse apenas autonomia e direito de ter expressar sua cultura. Essa segmentação fica mais evidente, a partir da observação de Simón (2018) sobre a composição da seleção espanhola campeã do mundo em 2010 e os esforços de catalães e castelhanos em valorizar a plurinacionalidade da Espanha, importante nesta conquista.

Para o segundo ponto, cabe primeiro ressaltar a diferença da situação política entre Kosovo e Catalunha, onde os kosovares estão no processo de consolidar sua independência e os catalães ainda lutam pela sua autoafirmação. Bobbio (2004) salienta a importância de políticas nacionalistas para o setor externo, em prol de reconhecimento e, principalmente, autonomia. Tendo ciência desse fator, Kosovo tem buscado a aceitação internacional por vários canais, sendo um deles o futebol. Fazendo uso da grande popularidade do esporte, os kosovares buscam participar do máximo de eventos possível, se inserindo assim no cotidiano dos atores internacionais, indo de encontro com o Levermore (2004) considera a diplomacia do esporte e um meio de representação do sistema interestatal através dessas competições.

O movimento nacionalista catalão faz uso da diplomacia esportiva de maneira diferente, o que Brentin e Tregoures (2016) chamam de disputa para medir de forças. A Catalunha, por meio do FC Barcelona, utiliza-se do clássico contra o Real Madrid, de maneira a desafiar a unificação da Espanha, reforçando a busca por sua autonomia, como colocado por Ortega (2016) e Simón (2018). Para além disso, o *El Clásico* e seus alcance midiático, são aproveitados para divulgar a pauta nacionalista catalã para o resto do mundo, buscando apoio e reconhecimento para a causa.

4.3.2. Simbolismos

Tal qual Bobbio (2004) e Hobsbawm (1990) afirmaram, o senso de nacionalismo se dá através da sua manifestação identitária e de seus símbolos, que passam por bandeira, hino e emblema. Ademais, é plausível considerar a expressão de quaisquer coisa que possa remeter à nação como símbolos nacionais, por exemplo o idioma, as cores, e até camisas.

Tendo isso como ponto de análise para essa seção, apesar de ter ganhado cada vez mais visibilidade com a participação em eventos esportivos internacionais, a FFK tem se distanciado das origens do movimento nacionalista que o fundou. Isso é observado na

ausência do vermelho como cor dominante e da águia negra bicéfala (Anexo 5), em decorrência do emprego do azul e das seis estrelas, bem como o inglês como um de seus idiomas oficiais, tal qual descreve McGuinness (2020). Isso por si só não representa uma ruptura completa do elo entre as origens do nacionalismo albanês, mas pode significar a invenção de novas tradições, à lá Hobsbawm (1990).

Enquanto isso, a Catalunha se mantém fiel ao seu amarelo e vermelho, ao idioma catalão que utiliza de forma imponente e a *Senyera*, sua bandeira, exibida no Anexo 6. Somando-se a isso, os catalães têm no FC Barcelona o catalisador de todos os seus símbolos nacionais, uma vez que o clube tem as mesmas cores presentes no seu emblema e possui o catalão como idioma nacional. O sucesso do clube, sendo um dos mais valiosos do mundo, representa também o êxito de um povo que sempre tentou se manter fiel à sua origem, reforçando sua auto-estima coletiva, elemento que Wendt (1999) de grande importância e interesse nacional.

A questão acerca dos símbolos nacionais expõe mais divergências entre Kosovo e Catalunha, a começar pelo campo em que cada um atua com relação ao futebol. O primeiro buscando se afirmar e estar presente nas competições interestatais entre as demais nações. E este soa como o caminho mais natural para manifestação do nacionalismo, uma vez que os rituais dessas competições envolvem, normalmente, a execução do hino e a exposição da bandeira. E o último abraça o clube da sua capital e o transforma na sua representação, transmutando torcedores em militantes de sua causa, indo além do que seria o comum.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste trabalho buscou-se estabelecer a conexão entre o futebol e os povos de Kosovo e Catalunha, consolidando esse esporte como um dos principais veículos de identificação nacional e de promoção das pautas nacionalistas. Com esse propósito, o marco teórico estabelecido objetivou delinear importantes conceitos das teorias do nacionalismo, com destaque para a invenção de tradições (HOBSBAWM, 1984) e do conceito de construção da nação (ALESINA; REICH, 2015). Considerou-se que as seleções nacionais, e até mesmo clubes de futebol, representam verdadeiros ícones sagrados para o nacionalismo. Os esforços de Kosovo para se inserir na FIFA e UEFA são devidamente recompensados pela participação em grandes eventos, possibilitando-os ostentar seus símbolos nacionais em par de igualdade com demais países. Já para a Catalunha, na ausência de uma seleção nacional com possibilidade de participação nos grandes eventos do futebol, o FC Barcelona herda a posição de representante esportivo, carregando as cores e cultura catalãs enraizadas no clube desde sua fundação.

Além disso, esse estudo fez uso da Teoria construtivista das Relações Internacionais para explicar o processo social de atribuição de significado ao futebol. Entendeu-se que os eventuais benefícios materiais decorrentes da organização de grandes eventos esportivos e da conquista deles pelas nações são insuficientes para compreender toda a mobilização empreendida pelos governos e pelas sociedades.

De acordo com Hobsbawm (2007), o futebol é a atividade pública que demonstra enfaticamente a dialética entre a globalização, a identidade nacional e a xenofobia. Esta afirmação é confirmada ao passo que é apresentado ao longo da pesquisa como o futebol foi utilizado como palco de resistência dos movimentos nacionalistas tanto por Kosovo, para com os Sérvios, como pela Catalunha, com relação à ditadura franquista. Aqui cabe destacar a divergência entre os dois objetos de estudo, o povo kosovar albanês teve toda e qualquer representação nacional proibida, inclusive tendo a execução de qualquer jogo reprimida e seus praticantes detidos. Enquanto aos catalães, também lhes foi tirado o direito de fazer uso de sua própria cultura na vida cotidiana, com exceção do futebol, onde o catalanismo se manteve vivo. Em ambos os casos o futebol teve papel importante para assegurar a continuação dos respectivos movimentos nacionalistas.

Ademais, observou-se que o futebol também pode cumprir um papel de diplomacia, promovendo aproximação entre os povos. Como exemplificado no jogo válido pelas Eliminatórias da Copa do Mundo de 2022 entre Kosovo e Espanha, onde, apesar da

resistência espanhola, houve a interação entre os dois países como equivalentes, algo até então inédito. Vale reforçar que a Espanha, até a data da última revisão deste trabalho, não reconhece a independência e autonomia de Kosovo, em grande parte por temer fortalecer o movimento separatista catalão. Além disso, como apontam Giulianotti et al. (2016), o esporte tem sido importante para intensificar as relações de Kosovo com os demais Estados, sendo de suma importância na busca por reconhecimento internacional.

Para a Catalunha, ao mesmo tempo que o campo do esporte é oposição ao nacionalismo castelhano, permite o diálogo e uma maior afinidade com a capital. E o exemplo da seleção espanhola na conquista da Copa do Mundo de 2010 reforça essa afirmação, quando os catalães estenderam sua bandeira em conjunto com a da federação ao qual pertencem nas comemorações. Mostrando a força do lado multi-étnico da Espanha.

Constata-se que os dois movimentos nacionalistas aqui investigados possuem seus desafios e contradições, dificultando a execução de seus objetivos originários. Pelo lado do Kosovo, o movimento nacionalista teve início a partir do desejo unificar os povos albaneses numa grande Albânia, o controle de Kosovo pela Sérvia impediu essa realização durante muito tempo. Mas mesmo agora com a região no processo de conquistar sua autonomia, a grande Albânia ainda parece distante, como apontado por Shaqiri (2017), uma vez que os kosovares passaram adotar aspectos multiétnicos na sua cultura através do uso da cor azul na bandeira, no lugar do vermelho tradicional albanês, e das seis estrelas representando as várias etnias presentes no território, bem como o próprio sérvio como uma das línguas oficiais. O futebol não está ausente nesse processo, afinal, a FFK reproduz esses novos símbolos durante suas participações, reforçando o distanciamento dos objetivos originários que os conduziram à busca pela independência.

Na Catalunha, divergência de opiniões não chega a ser algo recente. O catalanismo sempre buscou o direito de expressar sua cultura, seu idioma e suas tradições, dentro desse debate há braços que querem exercer esse direito na forma de um Estado independente e autônomo, e vertentes do movimento que se satisfazem em manifestar suas origens catalãs sendo uma das regiões autônomas de uma Espanha multiétnica. Essa discordância se mantém, mesmo após eventos mais tenros de grandes manifestações, dentro e fora dos estádios da Catalunha, como mostram as pesquisas realizadas pelo *Centre d'Etudis d'Opinió* (2020).

Por fim e ao cabo, sob o olhar do futebol foi possível estudar a evolução dos movimentos nacionalistas de Kosovo e Catalunha. Em ambos, o esporte tem servido para a promoção do sentimento nacionalista, tanto no âmbito interno quanto externo, atuando como

ponto de união para seus povos e como porta de diálogo com o mundo exterior, sendo portanto uma valorosa ferramenta para o campo das Relações Internacionais.

Este trabalho, para além de servir como requisito para obtenção do grau de Bacharelado e marcar o fim de um ciclo acadêmico, tem como finalidade se colocar como base de apoio para novos trabalhos no tema. Devido a falta de referências acerca do assunto, o autor espera contribuir e incentivar a continuidade da pesquisa do esporte dentro das RIs.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRÃO, Janete Silveira. **Nacionalismo Cultural y Político: La doble cara de un proyecto único: Cataluña**. TDX. Barcelona, 2007.

ALESINA, Alberto, and REICH, Bryony. **Nation Building**. NBER Working Paper 18839. 2015.

ALESINA, Alberto, GIULIANO, Paola, and REICH, Bryony. **Nation Building and Education**. NBER Working Paper 18839. 2013.

ANDERSON, Benedict. **Nação e consciência nacional**. São Paulo: Ática, 1989.

ARMSTRONG, D.; FARRELL, T.; LAMBERT, H.. **International Law and International Relations**. Cambridge: Cambridge University Press, 2007.

BAHAMONDE, Ángel. **El Real Madrid en la Historia de España**. Taurus, Madrid - 2000.

BANCO MUNDIAL. Dados. **Kosovo**. 2021. Disponível em: <<https://data.worldbank.org/country/kosovo>> Acesso em: 12 fev. 2021.

BARCELONA. História. 2021. Disponível em: <<https://www.fcbarcelona.cat/ca/club/historia/decada-a-decada>> Acesso em: 14 mar. 2021.

BARCELONA. Official Communique. 2017. Disponível em: <<https://www.fcbarcelona.com/en/news/742650/official-communique-from-fc-barcelona>> Acesso: 14 mar. 2021.

BARCELONA. Palmarés. 2021. Disponível em: <<https://www.fcbarcelona.cat/ca/futbol/primer-equip/palmares>> Acesso em: 14 mar. 2021.

BARNETT, Michael. Social Constructivism. **The globalization of the world politics: an introduction to international relations**. New York: Oxford University Press, 2008, 4 ed.

BEACOM, Aaron. Sport in International Relations: A Case for Cross-Disciplinary Investigation. **The Sports Historian**, Coleraine, ano 2, n. 20, nov. 2000, p. 1-23.

BECK, Peter J.; The most effective means of communication in the modern world?: British sport and national prestige. **Sport and International Relations: An Emerging Relationship**. New York: Routledge, 2004, p.77-92.

BOBBIO, Norberto, MATTEUCCI, Nicola e PASQUINO, Gianfranco. **Dicionário de Política**. São Paulo: Editora UNB - Imprensa Oficial: 2004.

BRENTIN, Dario, e TREGOURES, Loïc. Entering Through the Sport's Door? Kosovo's Sport Diplomatic Endeavours Towards International Recognition. **Diplomacy & Statecraft**. New York: Routledge, 2016, vol. 27, no. 2, p. 360–378.

BREUILLY, John. Nationalism. **The globalization of the world politics: an introduction to international relations**. New York: Oxford University Press, 2008, 4 ed.

BYERS, Michael. **A lei da guerra: direito internacional e conflito armado**. Rio de Janeiro: Record, 2005.

CARVALHO, Luis Fernando. **O Recrudescimento do Nacionalismo Catalão**: Estudo de caso sobre o lugar da nação no século XXI. Fundação Alexandre de Gusmão (FUNAG): Brasília, 2016.

CENTRE D'ESTUDIS D'OPINIÓ. **Encuesta sobre contexto político en Cataluña**. 2020. Disponível em: <<http://upceo.ceo.gencat.cat/wsceop/7848/Resumen%20en%20Espa%C3%B1ol%20-988.pdf>>. Acesso em: 10 de abril de 2021.

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE FUTEBOL. **Impacto do Futebol Brasileiro**. 2019 Relatório. Disponível em: <https://conteudo.cbf.com.br/cdn/201912/20191213172843_346.pdf> Acesso em: 13 jan. 2021.

COUNTRYECONOMY. **Catalunha**. 2021. Disponível em: <<https://pt.countryeconomy.com/paises/espanha-comunidades-autonomas/catalunha>> Acesso em: 14 fev. 2021.

CHALLANDES, Bernard. Euro 2020 still just a dream for pride of Kosovo. **Reuters**, 21 fev. 2020. Entrevista concedida a Brina Homewood. Disponível: <<https://www.reuters.com/article/soccer-kosovo-idINKBN20F0QI>>. Acesso em: 04 mar. 2021.

CROLLEY, Liz; HAND, David. Spain: Land of hope and fury. In: CROLLEY, Liz, e HAND, David. **Football and European Identity. Historical narratives through the press**. Londres: Routledge, 2006, vol. 3, no. 3, p. 93-114.

DAMO, Arlei Sander. Dom, amor e dinheiro no futebol de espetáculo. **Revista brasileira de ciências sociais**. São Paulo, vol. 23, n. 66, fev. 2008, p. 139-150.

DEPETRIS-CHAUVIN, Emilio; DURANTE, Ruben, e CAMPANTE; Filipe. Building Nations through Shared Experiences: Evidence from African Football. **American Economic Review**, 2020, vol 110 (5). p. 1572-1602.

DOUGHERTY, James E; PFALTZGRAFF JR, Robert L. **Relações Internacionais: as teorias em confronto**. Lisboa: Gradiva, 2003.

DRAPER, Stark. **The conceptualization of an Albanian nation, Ethnic and Racial Studies**. Massachusetts Institute of Technology, 1997. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1080/01419870.1997.9993950>> Acesso em: 10/02/2021

DUNNE, Tim. Liberalism. In: BAYLIS, John; SMITH, Steve; OWENS, Patrícia. **The globalization of the world politics: an introduction to international relations**. New York: Oxford University Press, 2008, 4 ed.

EL PAÍS. **Barça-Madrid: un partido con una audiencia mundial de 650 millones de espectadores**. 2019. Disponível em: <https://elpais.com/deportes/2019/10/17/actualidad/1571326299_016298.html> Acesso em: 14 mar. 2021.

EL PAÍS. **Disturbios en la calle y lluvia de pelotas en el campo**. 2019. Disponível em: <https://elpais.com/ccaa/2019/12/18/catalunya/1576691270_224054.html> Acesso em: 14 mar. 2021.

EL PAÍS. **El Tribunal Supremo confirma la inhabilitación de Quim Torra**. 2020. Disponível em: <<https://elpais.com/espana/2020-09-28/el-tribunal-supremo-confirma-la-inhabilitacion-de-quim-torra.html>> Acesso em: 11 mar. 2021.

EUROSTAT. **Population Demography Migration Projections**. 2021. Disponível em: <<http://ec.europa.eu/eurostat/en/web/population-demography-migration-projections/statistics-illustrated>> Acesso em: 20 jan. 2021.

FEDERATA E FUTBOLLIT E KOSOVËS. **History**. 2021. Disponível em: <<http://www.ffk-kosova.com/en/historiku/>> Acesso em: 14 mar. 2021.

FERRERO-TURRIÓN, Ruth. The consequences of state non-recognition: the cases of Spain and Kosovo. **European Politics and Society**, 2020. Disponível online em: <<https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/23745118.2020.1762958>> Acesso em: 13/01/2021.

FIFA. **2018 FIFA World Cup Russia: Global broadcast and audience summary**. 2018. Disponível em: <<https://resources.fifa.com/image/upload/2018-fifa-world-cup-russia-global-broadcast-and-audience-executive-summary.pdf?cloudid=njqsntrvdvqv8ho1dag5>> Acesso em: 15 jan. 2021.

FINNEMORE, Martha. **National interests in international society**. Ithaca: Cornell

University Press, 1996.

FOER, Franklin. **How Soccer Explains the World: An Unlikely Theory of Globalization**. HarperCollins E-Books, 2008. Disponível em: <<https://pt.scribd.com/read/163649459/How-Soccer-Explains-the-World-An-Unlikely-Theory-of-Globalization>> Acesso em: 14/03/2021

FOLHA DE SÃO PAULO. **Barcelona e Real Empatam em Jogo com Protestos Dentro e Fora do Estádio**. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/esporte/2019/12/barcelona-e-real-empatam-em-jogo-com-protestos-dentro-e-fora-do-estadio.shtml>> Acesso em: 14 mar. 2021.

FORBES. Barcelona. 2021. Disponível em: <<https://www.forbes.com/teams/barcelona/>> Acesso em 15 mar. 2021.

FORBES. Real Madrid. 2021. Disponível em: <<https://www.forbes.com/teams/real-madrid/>> Acesso em 15 mar. 2021.

G1. **Multidão em Barcelona marcha pela independência da Catalunha**. 2012. Disponível em: <<http://g1.globo.com/mundo/noticia/2012/09/15-milhao-pedem-independencia-da-catalunha-em-barcelona.html>> Acesso em: 12 mar. 2021.

GIULIANOTTI, Richard, et. al. Contested states and the politics of sport: the case of Kosovo – division, development, and recognition. **International Journal of Sport Policy and Politics**, v. 9, n. 1, p. 121-136, 2017.

GLOBOESPORTE.COM. **Com portões fechados por apoio a referendo, Barça vence com gol raro do catalão Busquets**. 2017. Disponível em: <<http://globoesporte.globo.com/futebol/futebol-internacional/jogo/01-10-2017/barcelona-las-palmas/>> Acesso em: 14 mar. 2021.

GLOBOESPORTE.COM. **Xhaka e Shaqiri homenageiam Kosovo e Albânia em comemorações dos gols suíços**. 2018. Disponível em: <<https://globoesporte.globo.com/futebol/selecoes/suica/noticia/xhaka-e-shaqiri-fazem-comemoracao-em-referencia-a-sua-origem-kosovar.ghtml>> Acesso em: 05 mar. 2021.

GOAL. **España vs. Kosovo, el fútbol acerca lo que la política separa**. 2021. Disponível em: <<https://www.goal.com/es-mx/noticias/espana-vs-kosovo-que-el-futbol-acerque-lo-que-la-politica/r3rxnrem4vr11tihqno5cuy1w/match/5ew0kzhk65ouzy8bp1ka7rcb8>> Acesso em: 20 mar. 2021.

GOAL. **Which European teams have qualified for World Cup 2018 in Russia?**. 2017. Disponível em: <<https://www.goal.com/en-us/news/which-european-teams-have-qualified-for-world-cup-2018-in/1rvlh7xqm2s5s1vj11dft7tqgu>> Acesso em: 05 mar. 2021.

GONZÁLEZ, André Barrera. **Lengua, identidad y nacionalismo en Cataluña durante la transición**. Revista de Antropología Social, Nº 6. Universidad Complutense, Madrid - 1997.

GUIBERNAU, Maria M. **Nacionalismos: o estado nacional e o nacionalismo do século XX**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

HOBSBAWM, Eric. A Produção em Massa de Tradições: Europa, 1870 a 1914. In: HOBSBAWM, Eric; RANGER, Terence. **A invenção das tradições**. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1984, p.271-316.

HOBSBAWM, Eric. **Globalização, democracia e terrorismo**. São Paulo: Companhia das letras, 2007.

HOBSBAWM, Eric. **Nações e nacionalismo desde 1780: Programa, mito e realidade**. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1990.

INGIMUNDARSON, Valur. **The Politics of Memory and the Reconstruction of Albanian National Identity in Postwar Kosovo**. Indiana: Indiana University Press, 2007

LEE, Simon. Moving the goalposts: The governance and political economy of world football. In: LEVERMORE, Roger e BUDD, Adrian (Ed.). **Sport and International Relations: An Emerging Relationship**. New York: Routledge, 2004. p.112-128.

LEVERMORE, Roger. Sport's role in constructing the "inter-state" worldview. In: LEVERMORE, Roger e BUDD, Adrian (Ed.). **Sport and International Relations: An Emerging Relationship**. New York: Routledge, 2004, p.16-30.

LEVERMORE, Roger; BUDD, Adrian. Sport and international relations: continued neglect? LEVERMORE, Roger e BUDD, Adrian (Ed.). **Sport and International Relations: An Emerging Relationship**. New York: Routledge, 2004, p.6-15.

LUDOPÉDIO. **Crise na Catalunha e futebol: entenda o caso**. 2019. Disponível em: <<https://www.ludopedio.com.br/arquibancada/crise-na-catalunha-e-futebol-entenda-o-caso/>> Acesso em: 11 mar. 2021.

MARCA. **Chants for independence accompany Barcelona's 17th minute goal**. 2017. Disponível em: <<https://www.marca.com/en/football/barcelona/2017/09/23/59c6b91fca4741f0628b45d7.html>> Acesso em: 14 mar. 2021.

MCGUINNESS, Mike. The Kosovo football team, national symbols and identity. **Sport, Globalisation and Identity: New Perspectives on Regions and Nations**. Londres: Routledge, 2020, p. 52-68.

MURRAY, Stuart; PIGMAN, Geoffrey Allen. Mapping the relationship between international sport and diplomacy. **Sport in Society**, vol. 17, n. 9, p. 1098-1118, 2013.

O'CONNOR, Robert. **Blood and Circuses: Football and the Fight for Europe's Rebel Republics**. Biteback Publishing, 2020. 320p.

ORTEGA, Vicente Rodríguez Ortega. Soccer, nationalism and the media in contemporary Spanish society: La Roja, Real Madrid & FC Barcelona, Soccer & Society. In: **Soccer and Society**. New York: Routledge, 2016. Vol. 17, No. 4, 628-643.

OTAMENDI, Marian. World Football Summit's Director, Marian Otamendi, was interviewed by AS during the presentation of the third edition of the summit. **AS**, 17 jun. 2018. Entrevista concedida a Menchu Fernández. Disponible em: <https://en.as.com/en/2018/06/17/football/1529259985_901247.html> Acceso em 12 jan. 2021.

POCIELLO, Christian. **Le rugby**. Paris: Presses Universitaires de France, 1988, p. 47.

PUIGDEMONT, Carles. [@KRLS]. La victòria del @GironaFC sobre un dels grans equips del món és tot un exemple i un referent per a moltes situacions. **Twitter**, 29 oct. 2017

RAMALLAL, Manuel E. González. **Prensa deportiva e identidad nacional: España en el Mundial de fútbol de Sudáfrica 2010**. Universidad de La Laguna - 2013.

REAL FEDERACIÓN ESPAÑOLA DE FÚTBOL. Fútbol Masculino. Disponible em: <<https://www.rfef.es/competiciones/futbol-masculino/resultados/primera-division>> Acceso em: 12 mar. 2021.

REUS-SMIT, Christian. Constructivism. In: BURCHILL, Scott; DEVETAK, Richard; LINKLATER, Andrew; PATERSON, Matthew; REUS-SMIT, Christian; TRUE, Jacqui. **Theories of international relations**. New York: Palgrave, 2001.

ROVIRA i VIRGILI, A. **Geografia política. Les quatre nacions ibèriques**. La Publicitat, 30 de julho de 1932.

SEBRELI, Juan José. **La era del fútbol**. Buenos Aires: Sudamericana, 1998, p. 30

SEYMOUR, Lee J. M. Legitimacy and the Politics of Recognition. **Kosovo, Small Wars & Insurgencies**, 28:4-5, 2017. p. 817-838. DOI:10.1080/09592318.2017.1322335

SHAQIRI, Mexhit. **Albanian Nationalism and the State of Kosovo**. Pristina: University of Pristina, 2018.

SHOBE, Hunter. Place, identity and football: Catalonia, Catalanisme and Football Club Barcelona, 1899–1975. **National Identities**. Portland: Routledge, vol. 10, n. 3, p. 329-343, 2008.

SIMÓN, Juan Antonio. Fútbol, prensa e identidades nacionales en España, 1975-2017. **Movimento**, v. 24, n. 4, p. 1235-1248, 2018.

TRIVELA. **A seleção de Kosovo já faz história, ao subir na Liga das Nações e se garantir na repescagem da Euro 2020**. 2018. Disponível em: <<https://trivela.com.br/europa/a-selecao-de-kosovo-ja-faz-historia-ao-subir-na-liga-das-nacoes-e-se-garantir-na-repescagem-da-euro-2020/>> Acesso em: 06 mar. 2021.

VLADISAVLJEVIĆ, Nebojša. Nationalism, Social Movement Theory and the Grass Roots Movement of Kosovo Serbs, 1985-1988. In: **Europe-Asia Studies**. Abingdon: Carfax Publishing, Vol. 54, No. 5, 2002, 771–790.

VIZENTINI, Paulo Fagundes. O mundo pós-Guerra Fria: O desafio do (ao) Oriente. Porto Alegre: Leitura XXI, 2005.

WENDT, Alexander. **Social theory of international politics**. Cambridge: Cambridge University Press, 1999.

WINTROBE, Ronald. Slobodan Milosevic and the Fire of Nationalism. In: **World Economics**. London, vol. 3(3), pages 1-26, 2002.

WISNIK, José Miguel. **Veneno Remédio: o futebol e o Brasil**. São Paulo: Companhia das letras, 2008.

ZEHFUSS, Maja. **Construtivism in international relations: the politics of reality**. Cambridge: Cambridge University Press, 2002.

ANEXOS

ANEXO 1: Brasão da Federação de Futebol do Kosovo



Fonte: FFK (2021)

ANEXO 2: Evolução do Brasão do FC Barcelona ao longo dos anos



Fonte: ESPN (2018)

ANEXO 3: Evolução do Brasão do Real Madrid ao longo dos anos



Fonte: Ludopédio (2020)

ANEXO 4: Bandeira do Movimento Independentista da Catalunha - *La Estelada*



Fonte: Pinterest (2021)

ANEXO 5: Bandeira Albanesa - A Águia Negra Bicéfala



Fonte: Pinterest (2021)

ANEXO 6: Bandeira da Catalunha - *La Senyera*



Fonte: Pinterest (2021)